OBRAS DE MALBA TAHAN

A ARTE DE SER UM PERFEITO MAU PROFESSOR.
O PROFESSOR E A VIDA MODERNA.
O MUNDO PRECISA DE TI, PROFESSOR!

Editôra Saraiva (São Paulo):

ANTOLOGIA DA MATEMÁTICA (2 volumes) — 2.ª edição.
DIDÁTICA DA MATEMÁTICA (2 volumes) — 2.ª edição.
MATEMÁTICA DIVERTIDA E DELIRANTE — 3.ª edição.
MATEMÁTICA RECREATIVA (2 volumes).
O PROBLEMA DAS DEFINIÇÕES EM MATEMÁTICA.
A LÓGICA NA MATEMÁTICA.
DIABRURAS DA MATEMÁTICA.
LENDAS DO BOM RABI.
O TERCEIRO MOTIVO.
A ESTRÊLA DOS REIS MAGOS.

Conquista, Emprêsa de Publicações Ltda. (Rio):

A ARTE DE LER E CONTAR HISTÓRIAS — 4.ª edição.
A CAIXA DO FUTURO — 4.ª edição.
AMIGOS MARAVILHOSOS — 4.ª edição.
A SOMBRA DO ARCO-ÍRIS (3 volumes) — 12.ª edição.
AVENTURAS DO REI BARIBÊ — 7.ª edição.
CÉU DE ALLAH — 13.ª edição.
LENDAS DO CÉU E DA TERRA — 17.ª edição.
LENDAS DO DESERTO — 10.ª edição.
LENDAS DO POVO DE DEUS — 5.ª edição.
MAKTUB (JÁ STAVA ESCRITO) — 13.ª edição.
MIL HISTÓRIAS SEM FIM (2 volumes) — 9.ª edição.
MINHA VIDA QUERIDA — 15.ª edição.
NOVAS LENDAS ORIENTAIS — 2.ª edição.
O GUIA CARAJÁ — 3.ª edição.
O HOMEM QUE CALCULAVA — 22.ª edição.
PACA, TATU — 6.ª edição.
SELEÇÕES — 12.ª edição.
SOB O OLHAR DE DEUS — 5.ª edição.

Em Castelhano:

EL HOMBRE QUE CALCULABA — Ed. Coppetti, Montevidéu.

Em Inglês:

MAKTUB! (The Book of Destiny) — Charles Frank Publications, Inc.

MALBA TAHAN

A ARTE DE SER UM PERFEITO MAU PROFESSOR

INSTITUTO DE PSICOLOGIA USP
BIBLIOTECA
6081

Para conseguir a grandeza de um povo são necessários, antes de tudo, bons mestres.
CONSUELO SANCHEZ BUCHON
Pedagogia, Rio, 1958, pág. 158.

Se existe profissão que exija vocação profunda é a do mestre e educador.
GEORG KERSCHENSTEINER
In *Escola Secundária*, M.E.C., pág. 15.

Ouçam as palavras os que têm ouvidos: pois que o último será sempre o primeiro e, dos chamados, poucos são escolhidos.
ITACY DE SOUZA TELLES
Palavras que não morrem,
Rio, 1963, pág. 76.

CASA EDITÔRA VECCHI LTDA.
Rua do Resende, 144 — Rio de Janeiro

LB/1025
T128a
e.1

OBRAS DO PROF. MELLO E SOUZA

MATEMÁTICA FÁCIL E ATRAENTE (Esg.).
HISTÓRIAS E FANTASIAS DA MATEMÁTICA (Esg.).
MATEMÁTICA DIVERTIDA E CURIOSA (Esg.).
MATEMÁTICA DIVERTIDA E FABULOSA (Esg.).
MATEMÁTICA DIVERTIDA E PITORESCA (Esg.).
MATEMÁTICA DIVERTIDA E DIFERENTE (Esg.).
MATEMÁTICA SUAVE E DIVERTIDA (Esg.).
DIABRURAS DA MATEMÁTICA.
DICIONÁRIO DA MATEMÁTICA — 1.º vol. — A e B.
DICIONÁRIO DA MATEMÁTICA — 2.º vol. — C, D, E e F.
O BOM CAMINHO (Leitura Moral e Religiosa).
GEOMETRIA ANALÍTICA — 1.º vol.
GEOMETRIA ANALÍTICA — 2.º vol.
O ESCÂNDALO DA GEOMETRIA.
TÉCNICAS E PROCEDIMENTOS DIDÁTICOS NO ENSINO DA MATEMÁTICA.
ALEGRIA DE LER.
TÁBUAS COMPLETAS E FORMULÁRIO.
MEU CADERNO DE MATEMÁTICA (Para o 5.º ano primário e admissão).
AL-KARISMI (Revista de Recreação Matemática).
AS GRANDES FANTASIAS DA MATEMÁTICA.
MATEMÁTICA PARA VOCÊ (Curso Ginasial — 4 volumes).
FOLCLORE DA MATEMÁTICA (Lendas, Histórias e Curiosidades).
MEU ANEL DE SETE PEDRAS (Lendas, Histórias e Curiosidades sôbre a Matemática).
A LUA NA POESIA BRASILEIRA.
TUDO É FÁCIL (Matemática sob forma de leitura para a 3.ª série primária).
DIÁRIO DE LÚCIA (Matemática sob a forma de leitura para a 4.ª série primária).
Êstes dois últimos foram publicados em colaboração com a Prof.ª Irene de Albuquerque.

Coleção de Ouro:

OS NÚMEROS GOVERNAM O MUNDO.
O INFERNO DE DANTE (Tradução).

editora Vecchi

Direitos exclusivos em língua portuguêsa (Brasil, Portugal e Províncias Ultramarinas), adquiridos pela Casa Editôra Vecchi Ltda., Rio de Janeiro.

Printed in Brazil.

MCMLXVII

DEDICATÓRIA

Aos ilustres educadores brasileiros:

ADALBERTO MENEZES DE OLIVEIRA
ALFREDINA PAIVA E SOUZA
BENJAMIN ALBAGLI
CARLOS ALBERTO NÓBREGA DA CUNHA
EUNICE POURCHET
HELOISA MARINHO
JOAQUINA DALTRO
JURACY SILVEIRA
MANOEL BERGSTRÖM LOURENÇO FILHO
MARIA JUNQUEIRA SCHMIDT
MARIO PAULO DE BRITO
PEDRO GOUVÊA FILHO
RAUL JOBIN BITTENCOURT

que sempre se esforçaram, com alto idealismo e contínua energia, pelo engrandecimento da obra educacional no Brasil.

HOMENAGEM DO AUTOR

MALBA TAHAN
Caxambu, 1966.

AO LEITOR

Há livros, como se sabe, que devem todo seu êxito a um título feliz. Alguns se imortalizam e com êles os seus autôres, ùnicamente, bem se pode dizer, devido ao título.

TRISTÃO DE ATHAYDE
O Crítico Literário.
Rio, 1945, pág. 37.

Vários colegas e amigos não concordaram com o título adotado para êste livro *"A Arte de Ser um Perfeito Mau Professor"*. E vão alicerçar a sua opinião no seguinte argumento que, em parte, não deixa de ser justo: Um professor, que, por seus atributos negativos, mereceu o qualificativo de *mau* não poderá ser apontado como *perfeito*. O sentido real das palavras parece levantar um muro de antagonismo entre os dois adjetivos: *mau* e *perfeito*.

Aquilo que é *perfeito* não pode ser *mau;* e o *mau* não encontra lugar na galeria dos *perfeitos*.

O Prof. Aurelio Buarque de Holanda, em seu *Pequeno Dicionário Brasileiro da Língua Portuguêsa* oferece-nos as seguintes indicações:

> *Mau*, adj. — Nocivo; irregular; difícil; imperfeito; funesto; travêsso.
> *Perfeito*, adj. — Acabado; sem defeito; primoroso (1).

(1) Os verbetes não foram transcritos na íntegra.

O lexicólogo Laudelino Freire vai um pouco além e torna-se até mais explícito em relação ao sentido de *perfeito*:

> *Perfeito*, adj. — Que só tem qualidades boas; que não tem defeitos.

Na Bíblia o adjetivo *perfeito* aparece trinta e duas vêzes. Encontramos, por exemplo, em São Mateus (5;48):

> "Portanto sêde perfeitos como perfeito é o vosso Pai celeste".

Mas o problema apresenta outra face.

Em seu excelente *Dicionário de Sinônimos*, o Prof. Francisco Fernandes aponta *cabal, completo, rematado, integral,* como sinônimos de *perfeito,* e transcreve um exemplo colhido em Morais:

> "O pecado, sendo perfeito, gera a Morte".

A cada momento, na linguagem corrente, encontramos expressões nas quais o adjetivo *perfeito* é empregado no sentido de *integral, completo,* que é, aliás, o sentido latino (2):

> *— Era um velhaco perfeito...*
> *— O assaltante não passava de um perfeito criminoso...*

Aceitemos, pois, na expressão *"Perfeito Mau Professor"* o adjetivo *perfeito* empregado nesse sentido já consagrado pelo público: *integral, rematado.*

Acresce, ainda, uma particularidade:

A forma *"Perfeito Mau Professor"* não é da nossa autoria: foi colhida num artigo publicado na revista *Educacion y Cultura,* de Montevidéu, conforme esclarecemos no Capítulo I dêste livro.

(2) Não devemos esquecer as formas verbais: *pretérito perfeito* e *pretérito mais que perfeito.*

E assim mesmo, contrariando a opinião dos ortodoxos, achamos que o título

A ARTE DE SER UM PERFEITO MAU PROFESSOR

poderá figurar no frontispício dêste livro, pois nada tem de ilógico ou incoerente.

MALBA TAHAN
Caxambu, 1966

ABREVIATURAS

Além das citações bibliográficas foram adotadas as seguintes abreviaturas:

L.A.I. — Obra aprovada pela Igreja Católica.

CADES — Campanha de Aperfeiçoamento e Difusão do Ensino Secundário.

Cf. — Confira (transcrição textual).

Cfr. — Confronto (transcrição quase textual).

E.S. — Escola Secundária.

M.E.C. — Ministério da Educação e Cultura.

Pág. — Página.

P.M.P. — Perfeito Mau Professor.

R.E. — Revista do Ensino.

Rev. — Revista.

Segs. — E seguintes.

Trad. — Tradução.

A *Escola Secundária* era uma revista publicada trimestralmente pela CADES, sob a direção do Prof. Gildásio Amado, sendo coordenador da CADES, o Prof. José Carlos de Melo e Souza.

ÊSTE LIVRO E A VERDADE

... colocai em vossa alma, acima de tudo, o amor da Verdade.
PADRE LEONEL FRANCA, S. J.
Alocuções e Artigos,
Tomo I, 1954, pág. 225.

Queira Deus que êste livro, pelas valiosas citações que encerra, possa trazer algum esclarecimento didático aos bons e dedicados professôres, isto é, àqueles que, educando e instruindo os jovens, fazem a grandeza de nossa Pátria. Reconhecemos que, em muitos pontos, fomos extremamente severos para com os *maus professôres.* Mas, na verdade, só agimos dêsse modo, convencidos de que alertando as nossas autoridades (pais, diretores, inspetores, orientadores educacionais, chefes, etc.) podemos prestar bom serviço aos jovens educandos e, portanto, ao Brasil (1).

Mas o grande mérito do nosso trabalho vai depender de um fator que é, no caso, de um realce que transcende todos os objetivos: *a Verdade.*

Impõe-se, portanto, que não nos afastemos da *Verdade.* E no decorrer de nossas críticas e comentários a nossa preocupação precípua foi seguir o roteiro traçado por Adolphe Thiers (1797-1877). Declarou êsse notável estadista e historiador francês:

---

(1) Chamamos a atenção do leitor para esta declaração do Prof. Plínio Alvarenga:

"A maioria dos estabelecimentos de ensino no Brasil melhor seria que não existissem; são centros de desordem constante, onde tudo se pratica, menos o ensino como deveria ser praticado". Cf. PLÍNIO ALVARENGA, *O Ensino no Brasil,* 1940, pág. 7.

"Não sou nem serei, de forma alguma, detrator do meu tempo, nem do meu país. Não devo desconsiderar minha Pátria perante o mundo, fazendo-a pior e colocando-a abaixo das outras; não devo deprimir a época em que vivo, pois isso seria desalentar os espíritos e abater as consciências, coisas que devo evitar sempre. Mas não iludo a minha gente nem a minha Pátria: Falo a Verdade". (De um discurso parlamentar proferido em 13 de fevereiro de 1880. Cf. RUI BARBOSA, *Reforma do Ensino Primário*, 1.ª ed., pág. 25).

Em relação ao *Perfeito Mau Professor* procuramos inspiração no sábio Santo Agostinho:

"Condenar, com intransigência, o pecado, mas tudo fazer para esclarecer e salvar o pecador".

Êste livro poderá ser esquecido, mas muitos de seus conceitos, casos e episódios ficarão, para sempre, na lembrança dos leitores.

E à sombra de uma das mais conceituadas editôras do Brasil — *Casa Editôra Vecchi Ltda.* — oferecemos, aos nossos educadores, um livro inteiramente original do ponto de vista didático.

Êste livro "responde a uma interrogação" muito séria:

— Em que consiste a "Arte de Ser um Perfeito Mau Professor"?

E será lido com prazer, porque nêle colaboram os maiores educadores do Brasil.

E, ao finalizar, recordemos o expressivo e delicado *hai-kai* do poeta e acadêmico baiano Abel Pereira (*Colheita*, 1957, pág. 126):

Eu não deixarei
meu nome para renome.
No pó, ficarei.

MALBA TAHAN,
Caxambu, Mês de Maria de 1966

CONCEITOS E AFIRMAÇÕES

Não podemos compreender uma escola sem Deus, como não compreendemos uma família sem Deus. Quando Deus falta, os ídolos se entronizam.

TRISTÃO DE ATHAYDE
Lendas do Céu e da Terra, L.A.I., 178

—o—

Quem ousaria pretender que se pode educar as crianças sem conhecê-las?

R. DOTTRENS (*)
A Escola sob Medida, 7

—o—

Cada aula que o bom professor dá, aos adolescentes, com entusiasmo, alegria e amor, recebe, de seus discípulos, uma lição de humildade.

ANTONIO SERRALVO SOBRINHO
Curso da CADES, Apostilhas

—o—

A Verdade, por sua natureza, é universal. A mensagem de Cristo é verdade e quem possui a verdade possui a luz.

GERALDO PINTO DE SOUZA, C.SS.R.
Professôra no meu Baptismo, L.A.I., 49

(*) *A Escola sob Medida* é um livro sôbre a doutrina de Edouard Claparede. Nesse livro colaboram Jean Piaget, Louis Meylan, Pierre Bovet e o próprio Claparède. A tradução é da autoria da Prof.ª Maria Lúcia do Eirado Silva, com a revisão do Prof. Zelio dos Santos Jotha.

Temos cometido o êrro de supor que quanto mais ilustrada e culta fôr uma pessoa, melhor elemento será ela para a sociedade. Mas isto não é rigorosamente verdade. O aviltamento do intelecto em detrimento do cultivo do coração, tem produzido uma súcia de finórios, em vez de uma sociedade de homens finos.

CARLOS A. TREZZA
A Reconquista do Homem, 358

—o—

A perfeição moral consiste em fazermos sob a inspiração do Amor o que faríamos por exigência do dever.

WLADIMIR GHIKA
Lendas do Céu e da Terra, L.A.I.

—o—

O professor é, abaixo de Deus, o árbitro do porvir.

RUY BARBOSA
A Tragédia do Mestre Escola, 39

—o—

Deus dá aos que dão.
Deus se dá aos que se dão.

WLADIMIR GHIKA
Lendas do Céu e da Terra, L.A.I.

—o—

Entre os direitos do ignorante há o de ser esclarecido e perdoado.

EDUARDO GIRÃO
Didática da Matemática, Ed. Saraiva

A educação física, única, cria o bruto; a educação intelectual, isolada, produz o presumido; a educação social, exclusiva, prepara o agitador. A educação moral, corrigindo as tendências maléficas, dá ao forte brandura, ao culto sabedoria, ao cidadão devotamento

FERNANDO MAGALHÃES
As grandes bases da educação nacional (*)

—o—

Recebei a instrução como grande soma de prata e possuireis nela pêso imenso de ouro.

Eclesiaste, 54, 36

—o—

Não é possível avaliar o bem que fazemos, quando fazemos o bem.

ELIZABETH LESEUR
Lendas do Céu e da Terra, L.A.I.

—o—

Se Cristo voltasse em nossos dias, ver-se-ia forçado em certos lugares, a começar pela estaca zero.

GIL MEYER, O.F.M.
Orar em Espírito e Verdade, L.A.I., 15

—o—

Educar é socializar, porque a educação pode ser compreendida com a fôrça que estimula a articulação do indivíduo à espécie no seu mais alto plano.

OFÉLIA BOISSON CARDOSO
Problemas da Adolescência, 26

(*) De uma conferência proferida no Ministério da Educação, em abril de 1936. Cf. *Revista Brasileira de Estatística,* 1941.

Acima de tudo, o exercício da sinceridade. A educação pelo estímulo e pelo interêsse é educação para a ambição. A educação pelo sentimento e pela solidariedade é educação pela vocação. De um lado o idealismo que é crença; de outro lado, o racionalismo que é cálculo. Só a educação pela Vocação tem o sentido da Eternidade, desenvolve a Vontade, para não desmerecer, desperta a Fé, para não vacilar. E apaga o sinal azinhavrado dos tempos.

FERNANDO MAGALHÃES
Ob. cit., *Rev. Est.*, pág. 846

—o—

No Brasil só existe um problema nacional: A educação do povo.

MIGUEL COUTO
A Tragédia do Mestre Escola, 41 (*)

—o—

O primeiro objetivo da boa política deve ser a educação; o segundo, a educação; o terceiro, a educação.

JULES MICHELET
A Tragédia do Mestre Escola, 97

—o—

Não há melhor sistema de educação do que aquêle que prepara o jovem para aprender por si mesmo.

JOSÉ MARTI
Curso da CADES, Apostilha

(*) Êsse livro, no qual figura essa sentença de Miguel Couto, é da autoria do professor potiguar Mario Cavalcanti. Colabora, também, nesse livro, o ilustre folclorista Luiz da Câmara Cascudo. Apresenta um prefácio de Mons. José Adelino (Natal, RN., 1951).

CAPÍTULO I

A ARTE DE SER UM PERFEITO MAU PROFESSOR E A SUA ORIGEM

Como surgiu a Arte de Ser um Perfeito Mau Professor. Conselhos dados a um jovem por um educador uruguaio. Como deve agir um pseudo-mestre, isto é, o falso educador.

Poderíamos tomar como epígrafe para êste capítulo um pensamento famoso de Santo Agostinho: "Tal é a cegueira dos homens que até da própria cegueira se gloriam" (*Confissões*, 3,3).

Narremos o caso.

Um didata uruguaio, com larga experiência sôbre questões de ensino, e que se oculta discretamente sob a máscara de um pseudônimo — DOMINE, — publicou na revista *Educacion y Cultura* (Montevidéu, dezembro, 1944) uma série de vinte e cinco ou trinta conselhos dirigidos especialmente a um jovem, bisonho e inexperiente, que pretendia ingressar no magistério secundário.

O articulista montevideano, em tom meio faceto, interpelava o incipiente colega com esta surpreendente pergunta:

— Gostaria você de merecer o honroso *título* de um *perfeito mau professor?*

No caso afirmativo, segundo a douta opinião do esclarecido DOMINE, deveria o candidato tomar certas atitudes, seguir fielmente certos preceitos, não se afastar um milímetro da rotina,

pois só assim poderia dominar, e de maneira brilhante, a *Arte de Ser um Perfeito Mau Professor.* E ao praticar, com a máxima eficiência e segurança, essa ARTE, o jovem teria o "orgulho" (orgulho entre aspas) de ser incluído na imensa legião dos péssimos cidadãos (sem aspas) que atassalham o ensino, desmoralizam a escola, aviltam a obra educacional nos recantos mais civilizados do mundo.

Como deve agir o pseudo-mestre, o falso educador, para ser considerado um *Perfeito Mau Professor?*

Seguindo, em grande parte, o roteiro curioso de DOMINE — o verdadeiro criador da nova *Arte* — e ilustrando-o com comentários didáticos, realçando-o com exemplos bem brasileiros, vamos apontar as atitudes falsas, impatrióticas e altamente condenáveis que o autêntico *Perfeito Mau Professor* adota, com inabalável perseverança, em suas atividades em classe.

Com a sigla *P. M. P.*, para abreviar a nossa exposição, passaremos a designar a figura tenebrosa do *Perfeito Mau Professor.* No caso do plural, seguindo, aliás, o sistema adotado na linguagem corrente, escreveremos, apenas, *P.M.Ps.* (*Perfeitos Maus Professôres*). Êste plural é sempre profundamente lastimável.

Adotando, pois, o roteiro do cauteloso *Domine* limitaremos os nossos comentários à análise serena, desapaixonada, de trinta e poucas atitudes erradas (nocivas para a obra educacional) de certos professôres secundários e de alguns catedráticos de escolas superiores E' no Ensino Secundário e no Ensino Superior que proliferam, realmente, em larga escala, os autênticos P.M.Ps.

O magistério primário, com sua ação altamente patriótica, está totalmente fora da flecha certeira de *Domine.*

Já declarou, certa vez, o saudoso educador paulista Sud Mennucci:

> "O professor primário é o eterno incompreendido e o eterno sacrificado".

Os nossos legisladores esquecem esta sentença famosa de Victor Hugo (*Les Miserables,* III, 4, 1):

> "O futuro da Humanidade está nas mãos do mestre-escola".

CAPÍTULO II

A IMPROVISAÇÃO E O ENSINO DO P.M.P.

É claro que o P.M.P. não prepara antecipadamente a lição. Nada de planos de aula; nada de roteiro prèvio. O P.M.P. ensina sempre pela velha norma da improvisação.

Com a mesma simplicidade com que ingressa num cinema, ou num bar (para saborear um chope), entra o P. M.P. na sala de aula. Não tem a menor idéia do que vai ensinar, e como deverá orientar o seu trabalho. (1)

Em geral, já refestelado na cadeira, pergunta a um aluno:

— Que estávamos dando, mesmo, na última aula?

Um dos estudantes responde prontamente:

— Adjetivos!

O P.M.P. acode, no mesmo momento, como quem procura coordenar as idéias:

---

(1) Não se compreende, por exemplo, o ensino do Latim sem o comentário perfeito e interessante do trecho que é lido. Deverá o professor *planejar* êsse comentário.

"O comentário — adverte a Prof.ª Clarice Lourdes das Neves — exige do professor segura orientação linguística, sólida formação clássica e capacidade de crítica. E aqui está a diferença entre o professor e o mágico: o professor não vai tirar do texto coisas ilusórias; vai, ao contrário, descobrir, desvendar, reviver o que está adormecido e isto exige percepção. O professor só poderá analisar fatos que êle percebe e conhece sòlidamente para não correr o perigo de inventar coisas. Não pode o professor exibir uma erudição pedante mal ingerida". Cf. *E. S.*, n.º 1, pág. 32.

— Adjetivos? Então vamos estudar hoje os numerais! (*E' o único ponto que êle sabe, razoàvelmente: fácil de ensinar*) [2].

E' no decorrer da aula que o P.M.P. improvisa exemplos, inventa perguntas e engendra exercícios. Os trabalhos extra-classe, imaginados, assim, de momento, tornam-se nulos ou rebarbativos. O P.M.P. é rotineiro por excelência. Não pratica jogos; nunca tentou o estudo dirigido; os trabalhos de equipe, para êle, nunca existiram. O método heurístico é um mito, uma espécie de disco voador dentro da Didática. Desconhece os recursos motivadores mais banais e corriqueiros. *Caderno dirigido?* E' outro mito. Lobisomem que mete mêdo ao professor preguiçoso e desleixado. O P.M.P., à semelhança do célebre almirante Nelson [3], acredita nas sereias, mas não acredita em caderno dirigido [4].

A verdade, afinal, é a seguinte: O P.M.P., em geral, dá aula pelo compêndio ou adota, em seu ensino, o método do ditado (ditado lido numa apostilha) ou segue religiosamente o sistema medieval da lição marcada [5].

Qual seria o dever do professor moderno? O Dr. Luiz Alves de Mattos, ao salientar os cuidados que deve ter o professor esforçado e cumpridor de seus deveres, escreve:

> *Incumbe, ao professor moderno, planejar cuidadosamente suas aulas de modo a apresentar a matéria em têrmos de objetivos valiosos e de atividades interessantes, capazes de aliciar a atenção dos alunos e engajar o seu interêsse em trabalhos fecundos e proveitosos de aprendizagem. Incumbe-lhe, também, criar, em suas aulas, um ambiente estimulante e sadio de compreensão, boa vontade e colaboração. A consecução dêstes objetivos dependerá muito da atitude fundamental de compreensão humana e de simpatia com que o professor se dedicar ao seu trabalho*[6].

(2) O azar do P. M. P. chega ao máximo, nessa hora, quando um aluno, mais saliente e bastante importuno, protesta: — "Numerais nós já demos, professor! O senhor já ensinou!" É claro que o P. M. P. não havia ensinado coisa alguma. Pura maldade do aluno.

(3) No Museu de Londres existe uma página do *Diário de Bordo do* Almirante Horácio Nelson, no qual, êsse herói de Abukir e Trafalgar, escreveu: "Foi hoje o dia mais feliz de minha vida. Pela primeira vez vi uma sereia".

(4) Veja o leitor, na obra do Sr. Lauro de Oliveira Lima, *Apostilhas* (Prefácio) as tolices e disparates, escritos, em tom muito sério, por um professor cearense que é contrário ao sistema do *caderno dirigido*. Vê-se que êsse mestre, de Quixadá, já viu muitas sereias nos verdes mares bravios do Ceará, mas nunca viu um *caderno dirigido*, feito com absoluta técnica. O *distinto* (como diria o humorista Stanislaw Ponte Preta), fala em coisas que êle nunca praticou, nunca viu e desconhece completamente. É lamentável! Êle ignora, certamente, que o Prof. Tales Mello Carvalho, um dos maiores didatas da Matemática, adotava o caderno dirigido.

(5) Os principais procedimentos didáticos (obsoletos, clássicos e modernos) são minuciosamente estudados no livro *Didática da Matemática*, Ed. Saraiva, dois volumes.

O verdadeiro P.M.P. não planeja a aula, não prepara a lição e zomba, com refinadíssimo sarcasmo, do colega caprichoso que se orienta por um roteiro. Na opinião do P.M.P. o roteiro de aula é tolice, infantilidade. Para quê roteiro? Para quê? Os alunos são uns bôbos, não prestam atenção em coisa alguma. O ideal mesmo é a improvisação. [7]

Há professôres tão descuidados e tão displicentes, que não tomam conhecimento nem mesmo do tema da aula que pretendem dar a uma certa turma. E, no entanto, a escolha do tema da aula é assunto de alta relevância em Didática. Os ensinamentos da Prof.ª Irene de Mello Carvalho devem merecer a atenção dos estudiosos:

> "O tema da aula, como sabemos, deve ser uma "subunidade", ou parte desta, isto é, uma porção de matéria que tem, embora em escala mais reduzida, os mesmos requisitos da verdadeira "unidade": *a*) deve ser um aspecto valioso, significativo da matéria; *b*) deve constituir um todo homogêneo (*significação* e *homogeneidade*).
>
> A aula não pode ter como tema central assuntos irrelevantes, questiúnculas bizantinas, aspectos secundários do programa, de valor meramente informativo. Por outro lado, não pode ser um aglomerado de idéias sem íntima relação entre si. O aluno necessita sentir que valeu a pena assistir àquela aula, quer pela

(6) Cf. LUIZ ALVES DE MATOS, *Súmula de Didática*, pág. 291.

(7) Eis o que decorre da improvisação no ensino de uma língua: "... da improvisação decorre o não-encadeamento lógico e claro de nossas idéias, e o perdermo-nos em palavras, que pouco fazem pela nossa expressão exata. Permitir o repentismo, e a improvisação, é deter os alunos nos chavões e limitar suas expressões aos lugares-comuns". Cf. PROF.ª MARIA DE LOURDES C. MARTINI, *E. S.*, n.º 1, pág. 39.

> importância mesma do assunto, quer pela forma sistemática e orgânica pela qual lhe foram apresentadas as suas idéias fundamentais".

Em alguns casos, momentos antes da aula, o P.M.P. passa ràpidamente os olhos no livro-texto, para recapitular algumas noções que já estão "meio esquecidas". Vimos, certa vez, na sala dos professôres, depois do café, um P.M.P. lendo um livro.

— Que é isso? — estranhamos.

Respondeu-nos o P.M.P., com a maior naturalidade:

— Vou dar, agora, uma aula de Corografia sôbre Goiás. Estou relendo o Veiga Cabral [8].

— Mas é uma edição muito antiga — observamos —. Tudo, em Goiás, já mudou.

— Não tem importância — revidou logo o P.M.P. — Na minha turma não tenho nenhum goiano. Posso falar à vontade.

E, sempre de livro aberto, perguntou-nos:

— Como se chama mesmo o rio que banha Goiânia? Não encontrei o raio do nome dêsse rio neste livro. Afobação minha. O rio que banha Goiânia...

Ajudamo-lo com muito prazer:

— E' o famoso rio Meia-Ponte. Segundo uma lenda muito interssante, o bandeirante paulista Bartolomeu Bueno, apelidado *Anhanguera*...

Nesse momento bateu o sinal e a nossa explicação, com a lenda do Meia-Ponte, ficou inacabada. O P.M.P. pegou o seu livro de chamada, agarrou a sua pasta e foi para a sala assacar contra os míseros educandos, a sua aula improvisada! Pobres alunos! Pobre Brasil! [9]

O famoso Comenius, em sua Didática Magna (cap. XIX, v. 33) recomendava:

> "Convém que tudo esteja preparado de ante-mão, para que seja menor o perigo de errar e maior o tempo consagrado ao ensino".

(8) O Prof. Veiga Cabral é autor de vários livros didáticos elementares que tiveram larga divulgação no Brasil.

(9) Cada professor, tendo em vista as suas possibilidades e os recursos do ambiente onde vive e leciona, compete programar seus planos de curso e de unidade prevendo tôdas as possibilidades construtivas. Cf. Prof. JAMES B. VIEIRA DA FONSECA, *Escola Secundário*, n.º 14, pág. 102.

CAPÍTULO III

O PROFESSOR E O ROTEIRO DA AULA

Como deve agir o professor. A consulta ao roteiro. A maneira de consultar o roteiro. Como agem os professôres nulos, rotineiros e despreparados.

Algumas observações poderão ser feitas sôbre êsse problema do roteiro da aula.

Notável professor era o Padre Leonel Franca, S. J. Não haveria exagêro algum em apontá-lo como um verdadeiro sábio. Pois bem. Em caso algum, o Padre Leonel Franca seria surpreendido dando uma aula, mesmo no Curso Secundário, sem ter na mão, ou sôbre a mesa, o seu roteiro. E convém insistir: O Padre Leonel Franca era um professor de cultura excepcional.

Deve o professor consultar com freqüência o seu plano ou roteiro de aula? Eis um assunto sôbre o qual os bons didatas divergem. A professôra Irene de Mello Carvalho oferece-nos uma opinião muito clara sôbre o problema:

> "Êste assunto é dos mais controvertidos. Pessoalmente julgamos que sòmente em casos excepcionais (por exemplo: condições precárias de saúde do mestre; tema da aula muito complexo, que exija numerosos dados informativos, etc.) se justifica a consulta sistemática e ostensiva, à ficha que contém o plano. Esta, porém, deve ficar ao alcance do professor, para que êle a consulte discretamente, na hipótese de

ter uma falha de memória que possa, realmente, prejudicar a boa seqüência da aula".

A ilustre educadora faz sentir que o professor não deve exagerar êsse sistema de consultar, a cada instante, o roteiro. E apresenta outra face interessante do problema:

> "Contra a aula dada com excessivas consultas ao plano, há ainda outro forte argumento: o professor perde o contacto visual com a turma cada vez que olha a ficha. Isso prejudica bastante a motivação, porque não favorece a comunicabilidade espontânea entre quem fala e quem ouve, como aliás se pode observar nas conferências ou palestras escritas prèviamente e lidas na ocasião"(1).

A consulta ao roteiro deve ser feita de maneira discreta e não continuadamente, pois quando os alunos não estão esclarecidos e bem orientados sôbre a finalidade do roteiro, julgam que o professor não conhece a matéria.

No fim de algum tempo os adolescentes percebem que os professôres mais seguros na matéria, mais eficientes e esclarecidos, são precisamente os que mais se utilizam do roteiro. Os professôres nulos, despreparados, são, em geral, improvisadores (2)

O professor Luís Alves de Matos, da Faculdade Nacional de Filosofia, arrasa impiedosamente o P.M.P. rotineiro e improvisador:

> "Rotina e improvisação, afirmo com a maior segurança, são os dois flagelos que maiores prejuízos causam às safras do sistema escolar. Sob o guante da rotina e da improvisação o ensino deixa de ser aquela atividade racional, metódica e conscienciosa que deveria ser, para tornar-se uma deplorável contrafação ou caricatura grotesca"(3).

(1) Cf. IRENE DE MELLO CARVALHO, *Curso de Técnica de Ensino Para Docentes de Escolas Superiores.* Apostilha, Rio, 1958.

(2) Ensina o Professor Rafael Grisi: "Não é aconselhável ao professor consultar, repetidamente, durante a lição, fichas, apontamentos, apostilhas ou qualquer espécie de lembretes". E, a seguir, o professor Grisi indica as excepções. Cf. RAFAEL GRISI, *Didática Mínima,* São Paulo, 1963, 5.ª ed., pág. 2.

(3) Cf. MATTOS, O., 37.

A Prof.ª Maria Ferri Soares Veiga, do Instituto *Fernando Costa,* em suas notáveis *Apostilhas,* equaciona o problema em têrmos de absoluta clareza e segurança:

> "Um ponto importantíssimo para a obtenção de uma liderança verdadeira em classe é o ambiente de trabalho. Uma classe em que se desenvolve trabalho organizado e bem planejado é ambiente favorável no desenvolvimento do ensino.
>
> Isto significa que o professor deve estar em classe a tempo, com o material prèviamente preparado em ordem, com seu plano bem estabelecido, de sorte a poder realizar com calma um ensino eficiente".

Aos seus auxiliares, recomendava o Prof. Lauro de Oliveira Lima:

> "Não trabalhem sem um plano: até os irracionais seguem um plano. Ter plano é ser previdente e racional" (4).

O plano de aula, ou melhor, o roteiro, vale para o professor no seu largo velejar pelos mares do ciclo docente, como um bom timoneiro:

Já disse o poeta pernambucano Araujo Filho:

> *Tendo, assim como eu tenho, um bom timoneiro*
> *Não temo as procelas dos mares do mundo* (5).

(4) Cf. LIMA, A., 126. Sôbre a importância do plano de aula, indicamos: Virgínia Côrtes Lacerda, *"Das Unidades Didáticas à Unidade da Vida"*, Rio, 1691, pág. 71 e segs.

(5) Cf. ARAUJO FILHO, *O Pássaro do Sonho,* Recife, 1955, pág. 119.

CAPÍTULO IV

O P.M.P. E AS RELAÇÕES SOCIAIS

Não procura o P. M. P. manter boas relações com seus superiores. Gaba-se de ser desafeto rancoroso de vários colegas aos quais injuria, pùblicamente, diante dos alunos, sempre que tem oportunidade.

Sendo, em geral, descuidado e grosseiro, não pode o P.M.P. manter relações de amizade com os seus chefes e diretores. Está, sempre, *de ponta* com dois ou três colegas, aos quais, por motivo fútil, deixa de cumprimentar. Em aula, sempre que tem oportunidade insinua, diante de seus alunos, críticas maldosas contra seus companheiros de trabalho ou faz restrições ao preparo dêste ou daquele colega.

O P.M.P. não procura cultivar a amizade dos alunos e tem, às vêzes, com os jovens mais destacados e mais brilhantes, discussões tremendas e profere palavras ásperas contra os adolescentes.

E' evidente que o P.M.P. não tem a menor noção de Ética.

Desconhece, por exemplo, a Ética Profissional do Professor. Havia, na antiga Escola Politécnica do Rio de Janeiro, um P.M.P. que, em aula, diante dos alunos, sempre que havia oportunidade, emitia a seguinte apreciação que causava péssima impressão nos futuros engenheiros:

— Os meus colegas, como são profundamente ignorantes, julgam que eu ensino erradamente. Eu, porém, não dou a menor atenção a essa crítica imbecil dos incompetentes.

Outro P.M.P. famoso, Dr. Almeida Lisboa, catedrático de Matemática do Colégio Pedro II, era totalmente insciente dos princípios básicos da Ética. Em aula, falando a uma turma de adolescentes, formulava os conceitos mais depreciativos sôbre o preparo de seu colega de Congregação, Dr. Euclides Roxo, que êle apontava como um "primário", um "ignorante", verdadeiro analfabeto na ciência dos Números. Certa vez um aluno, chamado Lamartine Oberg [1], protestou contra a atitude indelicada do Dr, Lisboa. Êste não deu a menor atenção ao protesto do educando, e continuou tranqüilo a dar a sua aula, como fazia habitualmente, de chapéu na cabeça e charuto na bôca.

São vários, e de alto relêvo, os problemas de Ética Profissional que afetam diretamente a atividade do professor:

1 — O professor em relação à sociedade;
2 — O professor em relação aos alunos;
3 — O professor em relação ao Colégio em que trabalha;
4 — O professor em relação aos colegas;
5 — O professor em relação a si mesmo.

Todos êsses problemas são cuidadosamente estudados e comentados em nosso livro: *O Mundo Precisa de Ti, Professor!*

(1) Êsse jovem que nobremente tomou a defesa de seu ex-professor contra a atitude insólita do P. M. P., é hoje autor de várias obras e catedrático de Desenho Técnico.

CAPÍTULO V

ASSIDUIDADE E PONTUALIDADE

Aprimorado, ao extremo, em seus atributos negativos, o P. M. P. não é assíduo e também não é pontual.

O P.M.P. desconhece os seus deveres precípuos; é faltoso e impontual. Entra na ala, de trabalho, alguns minutos depois de batido o sinal e, sempre que tem oportunidade, *mata* a aula. Havia, no antigo Colégio Pedro II, um legítimo P.M.P., que dizia, com muito espírito, aos colegas: — "Dizem que eu chego sempre na aula com dez minutos de atraso; em compensação (!) saio, sempre, quinze minutos mais cedo". Êsse era, realmente, um legítimo P.M.P. Quando havia um sábado, por exemplo, precedido de um feriado, o nosso P.M.P., na quinta-feira dessa semana, ia de classe em classe, recomendando aos alunos das diversas turmas: "— Sábado próximo, parede! Ninguém vem!"

Vamos recordar um episódio curioso que mostra bem a que extremo pode chegar o descaramento, o cinismo deseducativo de um P.M.P.

O caso passou-se no Externato do Colégio Pedro II.

O diretor dêsse estabelecimento, Dr. Fernando Raja Gabaglia, para atender ao apêlo de vários colegas, resolveu conceder aos professôres *dez minutos de tolerância*, isto é, o professor que chegasse, à classe, dez minutos depois de batido o

sinal, não *levaria falta*. Essa medida tinha por fim atender aos casos de demora decorrentes de motivos imprevisíveis: atraso de condução, acidente de trânsito, serviço extraordinário, etc. Tal medida só deveria ser aplicável aos professôres que chegassem (vejam bem: *que chegassem*) de fora, para a sua primeira aula no Colégio.

Muitos professôres, porém, que se achavam no estabelecimento, e que não tinham, portanto, motivo algum para entrar em aula depois do sinal, valiam-se da concessão especial do diretor e ficavam dez minutos, vadiando pelos corredores, aguardando que se passasse o tal *praso da tolerância*. Entravam em aula, sempre, com dez minutos de atraso. Apelidavam-se, com certo orgulho, os *decimalistas*.

Os decimalistas eram, sempre, P.M.Ps.

O P.M.P. impontual em seus horários de aula é impontual em tôdas as atividades de ciclo docente.

Aponta-nos o Prof. Imideo Nérici, em sua *Didática*, várias formas de impontualidade que êle considera como um fator muito sério de indisciplina. E escreve:

> *A impontualidade é fator sério de indisciplina. Impontualidade na freqüência às aulas, no início e término das mesmas, na correção e devolução de tarefas e provas mensais. O adiamento de realização de obrigações estabelecidas, sem razão realmente plausível é, também, outra forma de impontualidade que muito prejudica a disciplina*(1).

Extremamente severa é a crítica que o saudoso Prof. Everardo Backheuser faz do professor impontual. Ouçamos as sábias observações dêsse antigo catedrático da Escola Politécnica do Rio de Janeiro:

> *Se o professor é impontual, êle, que deve ser "exemplo" leva os alunos também à mesma incorreção. E isso é a balbúrdia. Tôda vez que alunos entram na sala atrasados provocam certa desordem e paralisa-*

(1) Cf. IMIDEO GIUSEPPE NÉRICI, *Didática Geral*, pág. 141.

ção do trabalho. Tôda vez que a falta se origina do professor, os inconvenientes são ainda maiores: durante o atraso do professor a classe entra em borborinho (às vêzes algazarra), prejudicando outras salas. E, ademais, há um furto ao tempo de trabalho efetivo (2).

Pode acontecer, e não raro, que certo professor lecione em dois ou três colégios, situados em bairros diferentes. Os horários das aulas, muitas vêzes, não podem ser articulados com a máxima perfeição. Há pequenos conflitos de hora. E, por isso, no Colégio A, por exemplo, o professor chega à classe F, todos os dias, com um pequeno atraso. Não se trata, nesse caso, de um P.M.P. impontual. E' bem possível que o caso ocorra, com um ótimo professor, esforçado e trabalhador, que tem o seu horário perturbado por fatôres independentes de sua vontade.

Mas, mesmo chegando atrasado não deverá o professor prolongar a sua aula depois de batido o sinal. Haverá, nesse caso, *dois erros* em vêz de um. A única solução é a seguinte: O professor, de acôrdo com o Diretor, dará uma vez por mês, em hora especial, uma aula extraordinária para a classe F, a fim de indenisar essa classe dos minutos perdidos durante a semana.

(2) Cf. EVERARDO BACKHEUSER, *O Professor*, pág. 115.

CAPÍTULO VI

A ATIVIDADE IMPRODUTIVA DO MAU PROFESSOR

Sempre que tem oportunidade o P. M. P. emprega parte do tempo da aula (ou mesmo a hora integral da aula) em atividade inteiramente alheia ao ensino e totalmente inútil para os alunos.

O P.M.P. tem a preocupação de iniciar a aula fazendo a *chamada nominal da turma*. E gasta, nessa chamada, dez ou quinze minutos que deveriam ser aproveitados para a motivação inicial ou mesmo para explicação de um tema qualquer relativo ao assunto a ser estudado.

Terminada a chamada, lenta e enervante para a maioria da turma, o P.M.P. gasta, ainda, cinco ou dez minutos dirigindo aos adolescentes perguntas absolutamente inócuas ou fazendo observações cretinas:

— Muito bem, Mario Roberto! Parabéns! De cabelo cortado! Bem aparadinho!

Ou então:

— Você, Clarice, está hoje uma gracinha com êsse penteado nôvo! Fica mais enxuta! Cem por cento mais brôto! Quantos namorados já tem?

Na antiga Escola Normal do Rio de Janeiro, havia um P.M.P. (na cadeira de Física) que, para consumir, melhor, o tempo da aula, fazia a chamada enunciando, por extenso, com enervante ataraxia, os nomes de tôdas as alunas:

— Maria Clara Xavier Pereira Fontes!
— Maria Helena Monteiro Pôrto Ribeiro!
— Maria Júlia Rolim Teles Barbosa!...

O nome da aluna era proferido em voz lenta e pausada. A aluna chamada era obrigada a levantar-se e responder:

— Presente!

E, com tudo isso, os minutos iam rolando e o precioso tempo da aula ia passando.

Para algumas alunas o nosso P.M.P. de Física tinha certas perguntas (cretinas) a fazer. Chamava, por exemplo, uma aluna:

— Maria Zélia Paranhos Freire!

A aluna, como era de praxe, respondia, muito séria:

— Presente!

O P.M.P., antes de passar para a aluna seguinte, interrogava a Maria Zélia:

— Como vai, Maria Zélia, a sua tia Ana Rosa?
— Vai bem, obrigada, professor — respondia a aluna.
— Ainda está morando em Curitiba?
— Sim, professor. A tia Ana Rosa ainda não voltou do Paraná.
— E quantos filhos já tem?
— Três, professor.

E em diálogo assim, do mesmo gênero, com várias alunas da turma, o P.M.P. consumia uma parte incomputável do tempo da aula.

O P.M.P. que perde, dêsse modo, um tempo precioso alongando ao máximo a chamada da turma, é, em geral, um professor de certo tipo que o Dr. Nérici classifica como "tipo tagarela".

O *tipo tagarela* é um elemento pernicioso. O Dr. Nérici retrata-o com impecável exação:

> *TIPO TAGARELA — É o que fala com e sem propósito sôbre tudo, em tôdas as circunstâncias. Tem o hábito, às vêzes, de discutir em classe as opiniões de outros professôres, seus colegas, para, também, dar a sua... Os alunos costumam explorar esta facilidade de falar do professor, pedindo a sua opinião a respeito dos fatos mais banais, enquanto que os minutos da aula vão correndo... Êsse professor acaba sempre desacreditado diante de seus alunos* (1).

Como será possível evitar, em parte, êsse abuso do P.M.P.?

Cumpre ao diretor proibir que o professor faça, no início da aula, a chamada nominal da turma.

Três graves inconvenientes apresenta a chamada inicial:

1.º) Perda integral de tempo;
2.º) Desmotivação dos alunos;
3.º) Oferece oportunidade para o P. M. P., preguiçoso e falastrão, perder grande parte do tempo da aula.

O diretor, que não quiser ser cúmplice do P.M.P., deve, como já dissemos, *proibir* a tal chamada antes da aula.

O melhor sistema, o sistema que nos parece mais prático e mais didático, é determinar que a chamada seja feita *negativamente*.

Em que consiste a *chamada negativa?*

No último minuto da aula um aluno (líder), designado, prèviamente, pelo diretor ou pelo próprio professor, levanta-se e proclama apenas, em voz alta, os nomes dos colegas que se acham ausentes. Dirá, por exemplo:

— Faltaram, hoje: O Pedro Paulo, o Roberto Jorge e Maria Alice Saud.

O professor, informado pelo aluno "assistente da chamada", assinalará na ficha a falta dos três alunos apontados e colocará o sinal de presença nos restantes. Isso tudo no último minuto da aula. Pelo número total de alunos da turma será fácil corrigir qualquer engano do líder (que deve ser, aliás, um aluno merecedor da máxima confiança).

Se o professor achar interessante, poderá mudar o "assistente da chamada" de quinze em quinze dias. Essa medida é conveniente nas turmas em que se apresentam dois ou três líderes de igual prestígio entre os colegas.

(1) Cf. IMIDEO GIUSEPPE NÉRICI, *Didática Geral*, pág. 143.

Notem bem esta verdade:

O diretor que permite o sistema obsoleto da chamada nominal, no início da aula, nas turmas de seu colégio, revela, em relação à sua capacidade de administrador e de educador, três atributos negativos:

1.º) Não conhece Didática (Não sabe avaliar a ação desmotivante da chamada inicial);
2.º) É conivente (ou procura ser conivente) com o P. M. P. falastrão;
3.º) É um péssimo diretor: displicente e incompetente.

A chamada inicial, mesmo rápida (feita pelo número) é desmotivadora.

O professor deve iniciar logo o trabalho do ciclo docente com palavras de estímulo, alegria e alto espírito motivador, agindo sempre com entusiasmo (2).

A chamada inicial é sempre uma tarefa *chata, chatíssima,* que só poderá interessar o P.M.P.

(2) Interessante observação sôbre a ação motivadora, dêsse entusiasmo do professor pelo ensino, é feita pela Prof.ª Belina Belo (*E. S.*, n.º 15, pág. 65): "Em tôdas as fases de nosso trabalho um pouco do nosso entusiasmo contagia a turma ou pelo menos alguns alunos. Convém manter sempre aceso o ideal, mesmo que o mundo não nos permita realizar de todo nossas esperanças. O sabor da vitória se mede pelo teor dos obstáculos superados: *"À vaincre sans péril, on triomphe sans gloire".*

CAPITULO VII

PROGRAMA INCOMPLETO DA MATÉRIA

Em relação ao programa da matéria que vai lecionar o P. M. P. não toma conhecimento. De um modo geral o P. M. P. não cumpre o programa. Leciona, apenas, uma parte dêsse programa.

O P.M.P. dá as suas aulas, mas não se preocupa com o programa. O seu lema é o seguinte: "No fim, dá-se um jeito!" Se houver qualquer coisa, aprovo a turma inteira. O aproveitamento do aluno, para êle, não interessa de forma alguma.

No Instituto de Educação do Rio de Janeiro, o Diretor, Dr. Mario Brito, era obrigado, em muitos casos, a pedir que o Prof. A. fôsse lecionar quatro ou cinco pontos do programa de História a uma certa turma, que não recebera do seu professor a menor noção sôbre uma grande parte do programa.

Exemplifiquemos: Um professor, verdadeiro P.M.P., de História da Civilização, limitara-se, durante o ano inteiro, a dar aulas (e que aulas!) sôbre o Egito!

Êsse professor que não cumpre com o seu dever, que não leciona a matéria que, por lei, é obrigado a lecionar, deveria ser punido. E punido severamente.

Mas essa punição nunca ocorreu no Brasil. O P.M.P. tem *"habeas-corpus"* para lecionar, do programa de sua cadeira, a parte que julgar mais interessante.

Que péssimo exemplo dá êsse P.M.P. aos seus alunos!

CAPÍTULO VIII

E A CORRELAÇÃO ENTRE AS MATÉRIAS

Não procure o P.M.P. coordenar o ensino de sua matéria com o ensino das outras matérias do curso.

No caso, por exemplo, do ensino da Matemática, o P.M.P. não se preocupa em oferecer aos alunos problemas vivos, interessantes, que envolvam noções de Geografia, de Física ou de Química. O P.M.P., de Matemática, limita-se a ensinar a Ciência, sem cogitar de suas aplicações práticas (1).

E coisa curiosa: O P.M.P. não se sente envergonhado de perder dez ou quinze aulas desenvolvendo para os alunos uma teoria complicada, enfadonha, para a qual êle não oferece a menor aplicação.

O P.M.P. de Matemática não se preocupa, também, com a parte histórica da Ciência. Fala em crivo de Eratóstenes, teorema de Tales, postulado de Euclides, etc., mas silencia completamente sôbre a época em que viveram êsses geômetras, os seus trabalhos e a influência que exerceram.

O saudoso professor Tales Melo Carvalho, matemático brasileiro (falecido em 1961) tendo ido, certa vez, visitar o Ginásio

(1) Em tôda aula, o professor deve aproveitar as oportunidades para se referir a outras disciplinas, em ação globalizadora dos conhecimentos; na utilidade das outras disciplinas, e na valorização dos respectivos professôres. Cf. NÉRICI, *Didática Geral*, pág. 163.

de Friburgo, da Fundação Getúlio Vargas, teve ocasião de palestrar com vários alunos dêsse notável educandário.

Em dado momento um adolescente, em tom muito sério, perguntou ao Prof. Tales:

— Que idade o senhor tinha, Dr. Tales, quando descobriu êsse teorema que tem o seu nome: "Teorema de Tales"?

O ilustre matemático percebeu que o infeliz adolescente estudara Geometria com um P.M.P. de Matemática.

Adverte a Prof.ª Adolphina Portela Bonapace (*E.S.*, n.º 1. pág. 20):

> "As diversas matérias que constituem o currículo secundário não podem ser consideradas compartimentos estanques, tôdas elas estão intimamente relacionadas, fundem-se e completam-se para a formação geral do educando".

O P.M.P., quando tem a seu cargo a cadeira de Matemática, por exemplo, limita o seu ensino a um algebrismo árido, complicado e inútil (2). Não pratica jogos, não apela para recursos de laboratório, silencia, em absoluto, sôbre a parte histórica da ciência lagrangeana.

Essa forma, errada e criminosa, de apresentar a ciência, faz com que muitas pessoas inteligentes tomem verdadeira ogeriza

Euclides da Cunha confessou que era obscuro e "teimoso" pela Matemática.

em Matemática, estudo para êle, totalmente, desinteressante. Ao rever os seus cadernos de Cálculo encontrou, entre outras coisas, as tais equações binômias que êle fôra obrigado a estudar e para as quais nunca encontrou (como engenheiro) a menor aplicação na vida prática!

E isso com o grande Euclides da Cunha, vítima de um P.M.P. em Matemática (3).

(2) Para o "algebrismo" veja: *Didática da Matemática*, Editôra Saraiva, I vol.

(3) Cf. EUCLIDES DA CUNHA, *Castro Alves e o seu Tempo*, Rio, 1919.

CAPÍTULO IX

O LIVRO TEXTO E A INCULTURA DO P.M.P.

O P.M.P. procura conhecer, apenas, o livro texto que é adotado em sua classe. Não lê outros livros, artigos ou revistas. Para o P.M.P. é perda de tempo.

O P.M.P. só conhece (e conhece mal) o livro-texto por êle indicado. Não se interessa por outros livros, artigos e revistas — embora êsses livros, artigos e revistas — contenham estudos diretamente relacionados com a matéria por êle lecionada. O P.M.P. não freqüenta bibliotecas e é incapaz de entrar numa livraria; desconhece as publicações mais recentes; a sua bibliografia é paupérrima. Os livros que possui (da matéria que leciona) foram graciosamente oferecidos por certos *editores generosos*. O P.M.P. não lê, a não ser revistas esportivas ou romances tidos como escandalosos ou imorais; não estuda, não procura melhorar a sua cultura. Ampliar os seus conhecimentos para quê? Seria perder direito ao título de um P.M.P.

Conhecemos, no Colégio Pedro II, um professor de Matemática de uma incultura geral impressionante. Êsse professor, por nós interrogado, confessou, com a maior naturalidade, que nunca tinha ouvido falar em Anatole France; ignorava a época em que havia vivido Dante e não soube citar o título do famoso poema do maior poeta da Cristandade; confessou-se incapaz de indicar uma obra qualquer de Shakespeare e declarava-se impossibilitado de citar uma simples trova de um poeta brasileiro.

Êsse P.M.P. justificava a sua impressionante incultura literária com uma desculpa muito simples:

— O que me interessa mesmo, de fato, é o futebol!

Era a única coisa que êle conhecia. E conhecia bem.

E o mau professor, despreparado e incompetente, segue a regra geral: quanto mais ignorante e inculto, menos se interessa pelas coisas do saber.

O filósofo francês Barão de Gerando (1772-1842) exarou, sôbre os que não se interessam pelo estudo e cultura, famosa sentença que encerra uma verdade irreplicável:

> "Em tôdas as atividades, relacionadas com a vida, quando a privação se faz sentir, gera a necessidade, o desejo, a procura. Em matéria de instrução não é assim. Quanto menos se possui menos se busca. Quanto mais instrução pelo contrário se tem, mais sensível nos é a precisão de instruirmo-nos"(1).

Bastante severo é o juízo que o Prof. Alberto Rovai, em um de seus artigos, faz da falta de preparo do professorado em geral:

> "Pode-se dizer, sem temor de exagêro, que a cultura da maioria dos nossos professôres, desde o bisonho mestre de bairro até o delegado de ensino (salvo honrosas excepções) não vai muito além dos quatro volumes e respectivas "chaves" do horroroso "Manual do Ensino Primário", de Miguel Milano"(2).

Revestido de alto coeficiente de otimismo o professor Irmão Leon, da Congregação dos Maristas, observa:

> "Não se pode admitir um professor que não leia revistas pedagógicas"(3).

---

(1) Cf. RUY BARBOSA, *Reforma do Ensino Primário*, Rio, 1883, pág. 59 (1.ª edição).

(2) Cf. ALBERTO ROVAI, *A Decadência do Ensino Primário*, na revista Formação, n.º 36, ano IV, julho, 1941, pág. 37. O autor é da Escola Normal de Santa Cruz do Rio Pardo.

(3) Cf. IRMÃO LEON, *Pedagogia*, pág. 8.

Cumpre ao bom professor possuir sólida cultura — pondera o Prof. Luciano Lopes:

> "Além de adquirir mui sólida cultura, deve continuar estudando sempre, para não perder jamais de vista o progresso do espírito humano. Já dizia Michelet, que também foi professor: "O mestre deve aperfeiçoar-se contìnuamente, sob pena de cair no tédio e entorpecer o espírito"(4).

O pedagogo português Mario Gonçalves Viana toca nessa mesma tecla e acha também que o professor deve estudar sempre:

> "O professor deve estudar sempre; deve procurar aperfeiçoar e alargar os seus conhecimentos; deve preparar as suas lições e trabalhar conscientemente; a sua atividade e estudos essenciais devem relacionar-se, permanentemente, com os problemas que digam respeito à sua atividade docente"(5).

Estudar sempre? Eis uma atividade que parece inconceblvel para um P.M.P. Ouçamos a opinião do Prof. Albert Ebert, da Faculdade Nacional de Filosofia:

> "Autodidata ou formado por Faculdade de Filosofia o professor não pode parar de estudar a fim de manter sempre atualizados os seus conhecimentos, além do que tem necessidade de se aperfeiçoar contìnuamente, e para isso poderão concorrer os cursos de aperfeiçoamento e de extensão realizados em períodos de férias. Há, além disso, as conferências, congressos e mesas redondas sôbre assuntos educacionais, que permitem um benéfico intercâmbio de idéias e pontos de vistas, tão necessários à renovação e atualização dos conhecimentos"(6).

(4) Cf. LUCIANO LOPES, *O Professor Ideal*, Rio, 1945, pág. 21.
(5) Cf. MARIO GONÇALVES VIANA, *Pedagogia*, pág. 161.
(6) Cf. ALBERT EBERT, in N.C.G.F., 169. O Prof. Itamar de Abreu Vasconcelos, em tese apresentada ao Primeiro Congresso Nacional do Ensino Secundário (Recife, 1957), formula esta acusação contra as Faculdades de Filosofia: "Nos Cursos de Didática das Faculdades de Filosofia, observamos êste descaso pelos assuntos pedagógicos, abrangendo até mesmo, às vêzes, estranho que pareça, os próprio professôres do Curso".

O estudo constante da matéria que leciona impõe-se como uma necessidade imperiosa ao professor. Para êsse grave problema traz o Prof. Clemem Barreto Sampaio (*E. S.*, n.º 16, pág. 19) a valiosa colaboração da sua experiência:

> "Os conhecimentos evoluem a cada dia e, com isso, surgem modificações apreciáveis em muitos conceitos, às vêzes, já consagrados. Há, portanto, uma necessidade imperiosa do professor acompanhar a evolução dos conhecimentos, notadamente aquêles que se referem à disciplina que leciona".

NOTA — O perfeito mau professor segue a trilha de certos patuscos, vadios que não se interessam pela cultura. O caso narrado por Humberto de Campos é bastante expressivo: "Alguém falou a Paula Nei, o incorrigível boêmio, sôbre os livros que deveria ler para alargar o campo de seus conhecimentos. Revidou prontamente o panfletário cearense: "Livros? Coisas assim? Não! Nunca! Leio folhetins, críticas e apedidos. Que diabo, ninguém come um boi inteiro. Para nutrição basta um bife". Cf. HUMBERTO DE CAMPOS, *Crítica*, 2.ª série, 1933, pág. 160.

Interpelado por um colega pelo fato de não se interessar pelo estudo e não comprar livros de sua cadeira, um P.M.P. respondeu, fingindo uma franqueza rude e descarada:

— Sim, é verdade. Não compro livros. Como professor, ganho pouco; o dinheiro não chega.

E, no entanto, o P.M.P. que assacou tal desculpa, vai com freqüência ao cinema e, depois do cinema, diverte-se nas *boates* mais requintadas com sua amante.

Em uma das suas noitadas festivas gasta mais do que se tivesse comprado cinco livros de luxo.

O tal P.M.P., além de P.M.P., é um mentiroso cínico

CAPÍTULO X

A CULTURA GERAL DE UM PROFESSOR

Os livros didáticos e os professôres. A solução para um problema. Como obrigar o professor a estudar e a consultar livros.

Sôbre o problema do preparo, ou melhor, da cultura geral de um professor, será interessante reler algumas linhas do grande educador escocês Gilbert Highet:

> *Os assuntos mais elevados não lhe podem ser desconhecidos, ao menos de um modo geral. Cumpre ao professor saber quais são as mais importantes e novas descobertas dos últimos tempos*(1).

Perguntamos a um professor de Matemática:

— Conhece o último livro do Prof. Oswaldo Sangiorgi? Leu as últimas edições do Carlos Galante?

A resposta foi imediata:

— Os livros estão muito caros. Eu não ganho o suficiente para comprar livros. Só leio livros quando me dão de presente. Comprar não compro.

Em certos casos a desculpa é aceitável. Parece-nos, porém, que a solução seria muito simples. Todos os estabelecimentos de ensino deveriam dispor de pequena biblioteca para uso exclusivo dos professôres. O Diretor teria o cuidado de mandar adquirir todos os livros e revistas de Pedagogia, Didática, Metodologia. etc. e êsses livros seriam cedidos, por empréstimo aos professôres.

(1) Cf. GILBERT HIGHET, *A Arte de Ensinar*, tradução do Prof. Lourenço Filho, pág. 32.

Outra sugestão que devia ser oficialmente adotada no Brasil:

— O professor do Colégio oficial ou particular só teria direito de receber o seu salário integral, durante as férias, se no fim do ano apresentasse um pequeno trabalho, um artigo, uma pesquisa, um inquérito, ou qualquer coisa, enfim, inédita, sôbre a matéria por êle lecionada.

Êsses trabalhos (apresentados pelos professôres) seriam, por determinação do Diretor, mimeografados, reunidos num volume e enviados às principais bibliotecas e centros culturais.

O trabalho teria a extensão mínima de três páginas compactas datilografadas, em papel de formato ofício, espaço dois. (Cada página compacta deve conter trinta e três linhas).

Essa obrigação de apresentar todos os anos um pequeno trabalho cultural (três páginas, apenas) levará o P.M.P. a consultar livros, revistas etc. E isso será de grande proveito para o ensino (7).

Êsse P.M.P., no seu desinterêsse pelas coisas do espírito, esquece que deve estudar e estudar sempre. Em quatro versos de Adelmar Tavares está contida a grande verdade:

> *Ó Mundo! Ó Mundo! Ó meu Mestre*
> *Muito me ensinas viver*
> *e quanto mais me ensinas*
> *mais eu vejo que aprender*(8).

(7) Não é admissível um professor sem cultura. O educador paulista Antonio Caetano de Campos era favorável ao ensino enciclopédico: "Entendo que o ensino realmente útil deve ter caráter enciclopédico, por importar a vida contingências, oriundas de tôda sorte de noções científicas. Cf. R. BRIQUET, *História da Educação*, pág. 181.

(8) Cf. ADELMAR TAVARES, *100 Trovas*. Prefácios de J. G. de Araujo Jorge e Luiz Otávio, Rio, 1956, 2.ª edição, pág. 33.

CAPÍTULO XI

A ROTINA E O MAU PROFESSOR

O P.M.P. é intransigente e procura repelir, sem a menor vacilação, qualquer sugestão de um colega sôbre nôvo procedimento didático. Ensina o que aprendeu e como aprendeu. Mantem-se sempre rotineiro e atrasado.

Fala-se, por exemplo, a um P.M.P., sôbre o método do *Caderno Dirigido*. A reação é pronta, imediata: — "Quê? Caderno Dirigido? Essa não! Fico, mesmo, nos apontamentos livres. Nada de Caderno Dirigido. Estou muito habituado ao método clássico do caderno livre, apontamentos livres, à vontade. Assim tenho ensinado e continuarei a ensinar. Detesto inovações no ensino!"

E explica:

— Adotado o Caderno Dirigido, eu vou ter mais trabalho com a turma. Procuro evitar essas amolações.

O caso do rotineiro é apreciado de forma bem clara pelo professor Luís Alves de Mattos:

> *O professor que resvalou para a rotina, julga complacente que nada há que deva ser melhorado no seu ensino; que se êle obtém um rendimento baixo ou quase nulo, isso deve ser atribuído a "essa nova geração, displicente, que não presta atenção, não se aplica aos estudos e não tem noção dos deveres". Êsse raciocínio mostra quanto tal professor está alheio aos mais elementares preceitos da Didática moderna. O ensino sempre pode e deve ser melhorado, quanto ao conteúdo da matéria e quanto à técnica do trabalho. O rendimento escolar é, em grande parte, uma decorrência dêsses fatôres e da atitude construtiva, do dinamismo com que o acomete sua missão de estimular, orientar e controlar a aprendizagem de seus alunos. A ausência dêstes elementos incentivadores se refletirá imediatamente nos baixos índices de rendimento escolar. Ao professor cabe, pois, a maior parcela de responsabilidade por tais índices de baixo rendimento*(1).

Quando interpelado, por um colega mais evoluído, o rotineiro responde, de forma categórica:

— Eu sigo sempre o *meu método*. Com o *meu método* tenho obtido ótimos resultados.

Mas o P.M.P. será incapaz de explicar em que consiste êsse método fabuloso que êle enfàticamente denomina o *meu método*.

Geralmente é um *método obsoleto*, já condenado pelos bons didatas (método da preleção simples, método do ditado, método da lição marcada, etc.), método com o qual não obtém resultado algum.

A preocupação do P.M.P. é permanecer, indefinidamente com o seu *método*, o velho sistema de ensinar por meio da explicação com aluno auxiliar no quadro-negro (sistema da salivação). Nada de inovações. A aula-preleção para o P.M.P. é o ideal. A aula em que só êle fala e os alunos fingem ouvir. Aula de *salivação* do princípio até o fim.

Qualquer alteração exige esfôrço, estudo, observação.

O melhor, o mais cômodo, é ficar na velha rotina.

Em uma reunião de professôres, no Ginásio da Bahia, ocorreu um debate sôbre a modernização dos métodos de ensino.

Um dos catedráticos presentes, homem nulo, mas muito presumido, declarou de forma categórica:

— Quanto ao meu trabalho, dispenso inteiramente os *palpites* dêsses chamados *didatas*. Tenho vinte e um anos de prática.

---

(1) Cf. LUIS ALVES DE MATOS, Ob. cit., pág. 88.

— Perdão — aparteou o Prof. Moura Bastos, que presidia a reunião — Parece-me que o senhor está enganado nessa conta. O colega tem um ano de prática e vinte de repetição [2].

O mêdo de mudar decorre, ou melhor, é um corolário da imaturidade do P.M.P.

E a preocupação do bom professor, de ano para ano, é renovar os seus procedimentos didáticos e, assim, nem de leve, poderá tangenciar a deplorável rotina. Eis o que aconselha o Prof. Fernando Padilha (*E. S.*, n.º 16, pág. 98):

> "Deve o professor variar os procedimentos didáticos a fim de não cair na rotina. A aula variada leva o aluno a um maior interêsse e conseqüentemente a um maior esfôrço na aprendizagem. A rotina colabora para que os alunos se afastem da matéria passando a encará-la como um tormento".

Vamos ler o que escreveu sôbre o triste fantasma da rotina o professor Vicente Tapajós:

> *Condenam-se as aulas em que os alunos são, apenas, uma platéia que assiste — embevecida ou sonolenta — às evoluções do ator, encarnado na pessoa do mestre.*
>
> *Condenam-se as aulas "salivadas", ditas ou não em tom de discurso, as aulas que não exigem do aluno senão um esfôrço de atenção, que o orientam no sentido de memorizar, decorar a lição.*
>
> *Condenam-se as aulas por demais mecanizadas, que fazem do professor e do aluno autômatos que repetem, "ad infinitum", gestos e reações, seguindo sempre a mesma orientação, seja qual fôr o assunto da lição.*
>
> *Procura-se uma aula mais viva, em que os alunos e mestres se completem, trabalhando, pesquisando, construindo. Uma aula em que haja, realmente, participação da classe, inteiramente motivada pelo assunto em pauta.*
>
> *Procura-se uma aula em que sejam os alunos, de fato, os principais elementos, o professor apenas um orientador, um auxiliar — um mestre. Uma aula em que os alunos disponham dos meios de aprender — livros, gravuras, mapas, filmes. Uma aula que seja como laboratório — em que se pesquisa, em que se descobre, em que se constrói alguma coisa* [3].

(2) Cf. *Didática da Matemática*, Ed. Saraiva, II vol., pág. 141.

O deplorável sentido da rotina arruina e assolapa o ensino de tôdas as matérias do curso ginasial. Em relação, por exemplo, ao ensino do nosso idioma, são severas e impressionantes as críticas do ilustre filólogo Silveira Bueno:

> "Passadas em revista as mais famosas gramáticas do Brasil, chegamos à conclusão de que o pêso terrìvelmente asfixiante da rotina continua a abafar o ensino do idioma. Como essas trepadeiras envolventes e daninhas, continuam as antigas regras puramente artificiais, ou já sem aplicação em nossos dias, a enredar-se em tôrno do velho roble português impedindo-o de frondejar à larga, à desenvolta" [4].

Do P.M.P. rotineiro incorrigível, incapaz de atilar o seu método, já disse o poeta Paulo Emílio Pinto:

> *Deus, ao criar-te, de certo*
> *distraiu-se, cochilou:*
> *Ao ver o teu crânio aberto*
> *encheu de vento e tampou* [5].

(3) Cf. VICENTE TAPAJÓS, *Bossa Nova no Ensino da História*, in *Escola Secundária*, n.º 14, pág. 108.

(4) Cf. SILVEIRA BUENO, *Gramática Normativa da Língua Portuguêsa*, pág. X.

(5) Cf. PAULO EMÍLIO PINTO, *Cantigas que eu fiz sorrindo*. Prefácio de Aparício Fernandes, Rio, 1963, pág. 12.

CAPÍTULO XII

A SEVERIDADE EXCESSIVA COM OS ALUNOS

O P.M.P. procura tratar os alunos com aspereza e brutalidade. Revela-se, em geral, extremamente severo e tem o prazer sádico de dar grau zero nos alunos.

O P.M.P. é sempre grosseiro e ríspido com os educandos (que não se encontram sob sua proteção). Aprecia muito dirigir aos alunos que erram ou que se enganam observações, às vêzes, até vexatórias — "Isso é muito forte para a sua inteligência", "Você é incapaz de compreender essa noção', "Não sei como você chegou até esta classe", "Você tem inteligência de débil mental", etc.

O *zero* é uma nota que o P.M.P. assinala com prazer na ficha do aluno. É a sua nota ideal. No grupo dos P.M.Ps. ouvimos, com freqüência, frases e afirmações bem expressivas:

— Na última prova, em vinte e três alunos, dei quinze graus zeros!

— Aqui, neste colégio, quem dá mais zero sou eu!

— Zero não foi feito para cachorro!

— Em matéria de dar grau zero ninguém me leva vantagem!

Embora pareça incrível: Há diretores tão ignorante em Didática, que medem o valor de um professor pelo número de notas baixas que êsse professor atribui aos alunos.

O zero (à semelhança do que acontece com o grau dez) deve ser nota conferida em circunstâncias muito especiais. O aluno que é destacado numa prova, com um grau zero, deve ficar sob os cuidados do professor ou mesmo do Orientador Educacional.

Dúvidas muito sérias se apresentarão no espírito do educador:

— Qual será a razão do despreparo total daquele aluno?

— Quais são as dificuldades que êle está encontrando?

— Como obter o reajustamento do aluno fraco?

Conversando, certa vez, com um professor de Geometria, de um grande colégio de Petrópolis, ouvi dêsse colega a seguinte declaração:

— Dei hoje vinte e dois zeros na minha turma da 2.ª série.

— Vinte e dois, não, meu amigo — discordamos prontamente. — Houve um engano de sua parte! Você deu, realmente, vinte e três zeros!

E como êle nos olhasse muito espantado, acrescentamos:

— Vinte e dois nos alunos e um em você por incapacidade didática!

Para justificar os freqüentes graus zeros, o P.M.P. declara:

— Que fazer? Sou obrigado a dar grau zero! Eu ensino e êles não aprendem! Que fazer!

Sendo completamente ignorante em Didática, o P.M.P. desconhece que entre a ação de *ensinar* e a resultante *aprender*, há uma interrelação perfeita.

Só há *ensino* quando existe *aprendizagem.*

Se os alunos *não aprenderam* foi porque o professor *não ensinou.*

O famoso educador americano John Dewey é bastante claro em sua argumentação:

> ***Não se poderá dizer que alguém vendeu se outra pessoa não houver comprado, como não se pode dizer que se ensinou, se ninguém aprendeu***(1).

(1) Cf. JOHN DEWEY, Como Pensamos, pág. 44.

CAPÍTULO XIII

O DESRESPEITO AO ALUNO

O P.M.P., sempre que se lhe oferece uma oportunidade, procura cobrir de ridículo o aluno que erra. Trata-o com sarcasmo absoluto. Procura deprimi-lo diante dos colegas.

O P.M.P. tripudia, impiedosamente, sôbre o aluno que erra. Lembro-me de um colega, de turma, que em aula, distraidamente, leu *ferétro* (com acento na penúltima sílaba), em vez de *féretro* (proparoxítona). O professor, um autêntico P.M.P., escancarou a bôca numa gargalhada homérica e, dêsse dia em diante, passou a tratar o nosso colega de *Seu Ferétro*. O rapaz, desesperado, para não agredir o P.M.P., no fim de dois meses pediu transferência para outro colégio. (1).

Mas o P.M.P. tem a preocupação de achincalhar com o adolescente, taxando de ridículas as suas idéias, zombando de seus planos, etc.

Como explicar essa atitude tão antipática do P.M.P.?

Parece-nos aceitável a hipótese tentada pelo Prof. Nérici:

(1) O sarcasmo do professor tem uma conseqüência deplorável: Torna o aluno inibido. "O aluno inibido, tímido, ou coagido, não toma parte ativa nas situações de aprendizagem. Em tôdas as disciplinas escolares o seu rendimento é baixo". Cf. PROF.ª GISELDA GUIMARÃES GOMES, *R. E.*, maio, 1952, pág. 43.

Essa atitude talvez parta de duas possíveis convicções. Ou de que êle (professor) é um sábio e não admite que alguém (neste caso o aluno) possa saber alguma coisa como êle. Ou de que êle (professor) nada sabe e, também, não pode admitir que alguém (neste caso, outra vez o aluno...) venha a saber alguma coisa... A verdade é que a sua teoria é um constante corrosivo no ânimo e nos impulsos mais sadios de seus alunos(2).

Dentro das atividades do ciclo docente a norma fundamental, para a maior eficiência da obra educativa, é a seguinte:

Deverá o professor respeitar os seus alunos.

São bem claros, dentro das linhas gerais da educação, os ensinamentos ditados pela Prof.ª Maria Ferri Soares Veiga, diretora do Departamento dos Cursos Médios do Instituto *Fernando Costa*, de Pirassununga:

"A voz, o modo de agir, o vestuário, a cortesia e outros traços semelhantes são muito importantes para o estabelecimento de boas relações professor-aluno. Entretanto, o mais importante é que o professor não se esqueça de que para obter respeito de seus alunos precisa respeitar as crianças com que trabalha.

Êste respeito é o alicerce de uma escola que adota uma filosofia democrática de educação"(3).

São altamente judiciosas as palavras do Prof. Leodegário Amarante de Azevedo Filho:

"Os adolescentes não perdoam àquêles que lhes negam considerações, ou lhes ridicularizando os planos por mais absurdos que sejam. São excessivamente idealistas, vivendo com os olhos sempre voltados para o futuro onde põem o melhor de suas esperanças"(4).

(2) Cf. IMIDEO GIUSEPPE NÉRICI, *Didática Geral*, São Paulo, 1959, pág. 143.

(3) Trecho de uma das apostilhas de um curso sôbre Orientação Pedagógica dos Professôres.

(4) Cf. AZEVEDO FILHO, *Didática Especial de Português*, Rio, 1958; pág. 31.

Há sempre uma semente boa na alma do adolescente. Como descobrí-la? Responde a poetisa Nancy Guahyba Martha:

Ser mestre é ter de Deus a inspiração
para, da alma infantil, fazer brotar
a semente do bem nela escondida(5).

Vamos transcrever o pequeno poema *"Oração do Educador"*. da poetisa potiguar Presciliana Duarte de Almeida:

Jesus, educador da humanidade
que disseste: "Deixai que os pequeninos
comigo venham ter!"
Ensina-me a formar os paladinos
da Justiça, do Bem e da Verdade!
Ensina-me a ensinar a bem viver!

Com palavras, exemplos e carinho,
dá que eu conduza ao pôrto desejado
estas almas em flor!
Que cada coração por mim tocado
tenha o perfume bom do rosmaninho
onde viceje teu divino amor!

Que eu nunca seja pedra de tropeço!
Que eu nunca escandalize uma criança...
Que eu saiba respeitar seu coração!
Dá-me essa fôrça poderosa e mansa
Êsse dom de "Educar" que não tem preço!
Talento, esfôrço, amor, inspiração.

(5) Cf. NANCY GUAHYBA MARTHA, *Ânfora Partida*, Rio, 1954, pág. 66.

CAPÍTULO XIV

O NOME DO ALUNO

O P.M.P., sempre que tem oportunidade, procura zombar do nome do aluno, fazendo trocadilhos, dizendo piadas.

Tivemos, no Colégio Pedro II, um colega chamado Elpídio Boa Morte. Certo professor, que era um P.M.P., todos os dias zombava dêsse aluno, repetindo a mesma piada: — Seu Boa Morte, se você quiser levar *boa vida*, estude!"

Aquêle que faz trocadilhos ou piadas, com o nome de uma pessoa, revela absoluta falta de educação. E' um cafajeste.

A razão é simples.

O nome, para uma pessoa honrada, constitui um verdadeiro e preciosíssimo patrimônio moral.

São comuns as expressões:

— O Sr. F., que herdou de seu pai um nome honrado.

— O nome do Sr. A. representa, para a nossa firma, uma garantia.

— Pretendo deixar, para os meus filhos, um nome sem mácula.

É de tal relêvo o *nome* que um dos Mandamentos da Lei de Deus Criador prescreve:

— *Não evocar o seu santo nome em vão.*

E, entre as petições do *Pai Nosso*, podemos destacar:

— ... *santificado seja o Teu Nome.*

E isso traz a certeza de que o nome de Deus deve ser, não apenas respeitado, mas também santificado.

Entre os israelitas, a profanação do nome de Deus era apontada como o mais grave e mais nefando dos pecados. Só ao sacerdote-máximo, conforme prescreve o *Talmud*, cabia o direito de proferir o nome de Deus (Jeovah) em determinados momentos. No culto da Sinagoga, em lugar de *Jeovah* (JHVH) diziam: *Adonai* (Meu Senhor) e existe uma lenda, segundo a qual o enunciado do *Nome Inefável* era feito de sete em sete anos, duas vêzes, pelos sábios a seus discípulos [1].

Para que o nome de Deus não caisse na vulgaridade os muçulmanos criaram, para Deus, (Allah), noventa e nove formas ou epítetos diferentes. São todos os epítetos formas de exaltação dos atributos de Deus:

Arrahim, Almalik, Al-qddús, Assalam, etc.

que significam, respectivamente:

Delicadíssimo ou *Misericordiosíssimo, Soberano, Santíssimo, Salvador,* etc.[2].

Vemos, assim o valor extraordinário que é dado, nas três grandes religiões monoteístas, ao nome de Deus [3].

O mesmo respeito, o mesmo acatamento, deve ser conferido ao nome de uma pessoa qualquer.

Convém, portanto, insistir num ponto:

— Aquêle que procura pilheriar com o nome de uma pessoa, está praticando, contra essa pessoa, um ato profundamente ofensivo e até injurioso. Pode ocorrer que o ofendido, pessoa de boa fé e limitado discernimento, não saiba avaliar ou não perceba a extensão da ofensa. Mas, para uma pessoa culta ou

(1) Cf. A. COHEN, *Le Talmud*, Col. Payot, Paris, 1933 págs. 67 e segs.
(2) Cf. AHMED ABOUD, *El Sagrado Coran*, Buenos Aires, 1952, prefácio.
(3) Os nomes de Deus diferem segundo as línguas de cada nação. O mais belo, e também o mais exato, quer dizer o que melhor lhe adapta, é o que êle se deu a si próprio na Sagrada Escritura, ou seja YAHVÊ, que significa "Aquêle que é", ou por outras palavras, aquêle que existe, que tem em si a razão ou a fonte de existir. *Êxodo*, 3, 14, 15. Cf. J. BUJANDO, S. J., *Manual de Teologia Dogmática*, trad. de J. Dionísio de Oliveira, S. J., 1952, 2.ª ed., pág. 21. Segundo o Prof. Antenor Nascentes, o nome de Deus veio do hebreu YHUL, o tetagrama inefável, do verbo *ser*. Cf. NASCENTES, *Dicionário Etimológico*, tomo II, pág. 160.

medianamente esclarecida em *"public-relation"*, a falta de educação do cafajeste é bem clara e indefensável.

Diante do que acabamos de expor só um P.M.P. desfibrado, sem caráter e sem dignidade, praticará a torpeza de ofender um aluno fazendo pilhérias ou zombarias com o nome dêsse aluno.

Em resumo:

∴ — O nome de um amigo, de um colega e especialmente o nome de um educando, deve merecer, da nossa parte, o máximo respeito e consideração.

O P.M.P., entretanto, é incorrigível e não deixa passar, sem atingir com uma piada cretina, o aluno que tem um nome raro, estranho ou singular. E aprova, com intenso júbilo, os apelidos e alcunhas com que os estudantes costumam mimosear alguns professôres ou funcionários do colégio.

Contou-nos o Prof. Leão Magno Brasil, que leciona Matemática no Ginásio de Aracaju:

— Tinha, no meu tempo de estudante, grande simpatia pelo meu professor de Português. A partir, porém, do dia em que êle procurou pilheriar com o meu nome (que reconheço ser estranho), passei a detestar êsse professor. A aversão pelo mestre criou raízes profundas em meu coração. Não era meu amigo! Fazia caçoada com o meu nome! [4]

No cofre dos meus grandes desenganos
Guardei o ouro da melancolia[5].

(4) A boa disposição do aluno para com a disciplina pressupõe certa dose de simpatia em relação ao professor, de modo que a simples presença do mestre na aula já é um fator inicial de motivação. Cf. JÚLIO BRUNO, Didática Especial de Desenho, M. E. C., Curso da CADES, pág. 26.
(5) Cf. ITACY DE SOUZA TELES, *Alamêda dos Sonhos*, Santos, 1959, pág. 39.

CAPÍTULO XV

DOIS EXTREMOS DEPLORÁVEIS DO P.M.P.

O P. M. P. é levado a dois extremos: Pode se apresentar, aos alunos, como verdadeira mãe extremosa, ou como um pérfido reprovador. Estudemos separadamente, êsses dois casos.

Há professôres que, por gênio, por preguiça e por completa falta de caráter (são verdadeiros desfibrados morais) adotam o sistema que é denominado "Mãe Extremosa".

Como procede o P.M.P. nesse caso? Como deverá agir para conquistar o título de *Mãe Extremosa?*

É muito simples.

Não ensina coisa alguma. Perde as horas das aulas contando anedotas e dizendo piadas. Dá notas ótimas aos alunos e, no fim do ano, aprova a todos, estejam ou não preparados na matéria.

Figurou na Colenda Congregação do Colégio Pedro II, um professor de Física que era apontado pela opinião unânime dos alunos e dos colegas, como *Mãe Extremosa.*

Perdia semanas inteiras narrando aos alunos episódios íntimos de sua vida e de sua família; discutia com os rapazes durante os cinqüenta minutos da aula, sôbre esportes; sugeria palpites para as corridas de cavalo; falava dos filmes mais emocionantes. Para garantir o seu prestígio, ensinava as questões que iam cair

no exame, permitia a cola e era conivente com a fraude [1]. E, no fim do ano, aprovava a turma inteira. Já velho, inteiramente senil, chegava ao extremo de beijar as adolescentes mais graciosas.

— Para que arranjar amolações e contrariedades? O mais prático é ajudar a rapaziada, e *agradar* as meninas!

E os alunos eram promovidos pelo P.M.P., do Colégio Pedro II, sem saber nada de Física!

Deixemos em paz o *Mãe Extremosa,* e vamos, agora, conhecer outro P.M.P. bem diferente na maneira de agir em relação aos alunos.

São freqüentes os professôres relapsos que não ensinam coisa alguma e que, no fim do ano, exigem a matéria integral do programa e reprovam a turma inteira.

O P.M.P. dêsse tipo é, em geral, odiado pelos estudantes. É um professor faltoso, que não se interessa pela classe; as suas aulas são confusas; à semelhança do *Mãe Extremosa,* sempre gomoso e chato, perde, às vêzes, a hora inteira discutindo política, discorrendo futebol, ou falando de suas *espertezas* em certos negócios escusos.

Os alunos que nada estudaram, que nada aprenderam, estão convencidos de que o P.M.P. (cujo ensino foi totalmente nulo), será benevolente, generoso nas notas, e de ampla tolerância nas aprovações dos nulos.

Puro engano!

Iniciados os exames, o P.M.P. enfrenta os adolescentes com rancor e reprova a torto e a direito. Reprova alguns por vingança; reprova outros por capricho [2].

Só passam no exame, alguns, cujos pais tiveram o cuidado de entregá-los a professôres particulares.

---

(1) Um estudante poderia, na presença dêsse professor, fazer a prova de outro colega mais fraco.

(2) Escreve Medeiros e Albuquerque em seu livro *Testes* (2.ª edição, pág. 13): "Haverá, entretanto, quem suponha que os fatos de capricho e vingança são raros. É engano. São freqüentíssimos. Não há ninguém que conheça de perto os bastidores da vida acadêmica, e não possa contar alguns. Lente houve, e célebre, na Faculdade de Direito de S. Paulo, que formulara claramente esta regra: "Negro não precisa ser doutor". E sistemàticamente reprovava todos os alunos de côr preta".

Conhecemos um P.M.P. dêsse tipo, homem extremamente vaidoso, que chegou a ocupar cargos de alto prestígio no Estado da Guanabara.

Êsse péssimo deseducador caberia, sob medida, dentro de uma trova altamente expressiva do Sr. Hélio C. Teixeira:

Em muita gente a vaidade
É tão grande que parece
aumentar de intensidade
quando o mérito decresce!(3).

Nas Escolas Superiores há catedráticos que, nos exames finais, aprovam *sistemàticamente* todos os alunos.

O Dr. Pedro Augusto Pinto, que era justo e criterioso em suas notas, contou-nos casos bem curiosos ocorridos na Faculdade Nacional de Medicina, com professôres catedráticos que aprovavam as môças e rapazes totalmente ignorantes na matéria em que eram examinados.

Um dêsses "benevolentes", ao ouvir uma observação do Dr. Pedro Pinto, sôbre a maneira descriteriosa de julgar, respondeu com ar debochativo:

— Aprovo todo mundo! Não quero saber de amolações na 2.ª época!

Que aconteceria a um juiz que sistemàticamente, fora de todo espírito de justiça, absolvesse todos os réus, incluindo os maiores bandidos e assassinos?

Seria, certamente, processado, condenado e demitido de seu cargo.

Ao catedrático que age fora da lei, que não cumpre com o seu dever, que desmoralize a sua Escola, que avilta o ensino, não acontece nada. Continua a ser um catedrático.

E no fim conta piadas sôbre o caso.

(3) Cf. HÉLIO C. TEIXEIRA, Cinco Itinerários, Rio, 1964, pág. 38

CAPÍTULO XVI

O PROBLEMA DAS REPROVAÇÕES

O P.M.P. e as reprovações. A quem cabe a culpa das reprovações. Os índices de reprovações.

O P.M.P., relapso, reprovador, quando trabalha em colégio particular, e tem mais de dez anos de serviço, procura sacrificar ao máximo os alunos de suas turmas, para ser demitido pelo Diretor e receber, em dôbro, a indenização.

Pode acontecer que a culpa da reprovação caiba exclusivamente ao aluno. Mas, em geral, a reprovação decorre da negligência e da incapacidade do professor. Vamos reler os interessantes ensinamentos do Dr. Luiz Alves de Mattos:

> "A *reprovação* é, em muitos casos, indiscutìvelmente, o resultado da incapacidade do aluno para aprender, da sua desídia nos estudos e da sua vadiagem mental. Mas, esta sumária explicação não satisfaz à Didática moderna; esta procura determinar as causas dessa relativa incapacidade do aluno para aprender, dessa desídia e dessa vadiagem mental.
>
> Não há dúvida que, em muitos casos, fatôres estranhos à situação de classe e ao contrôle do professor comprometem o rendimento da aprendizagem, inabilitando certos alunos para a promoção (doenças, desnutrição, dificuldades econômicas, problemas de família, etc., etc.). Mas, na maioria dos casos, uma

análise técnica mais detida das causas de altos coeficientes de reprovação revelará que a *displicência e a inabilidade do professor* contribuiram de modo decisivo para criar essa situação. Verifica-se então que o professor:

a) desleixou-se no planejamento do seu curso e de suas aulas, gastando o seu horário com improvisações estéreis que nada contribuiram para o desenvolvimento da inteligência de seus alunos ou para o seu enriquecimento mental;
b) ignora, ou se os conhece, deixou de aplicar os estímulos e incentivos motivadores mais apropriados, tornando suas aulas monótonas e cansativas;
c) não exerceu a devida liderança no manejo da classe e na orientação dos estudos e trabalhos dos seus alunos;
d) insistiu demais em preleções teóricas descurando os trabalhos, exercícios e recapitulações necessários à integração da aprendizagem dos alunos;
e) revelou-se canhestro ou sibilino na formulação das questões de prova, na extensão da prova e no calibramento das dificuldades propostas para exame;
f) julgou com arbitrariedade ou excessivo rigor as provas de seus examinandos.

Por qualquer destas falhas isoladamente, ou por várias delas ou tôdas conjuntamente, é claro que o professor se torna, em grande parte, o maior responsável pelo fenômeno da reprovação, principalmente quando esta se verifica em larga escala numa mesma turma de alunos que nas demais matérias conseguem índices satisfatórios de aprovação. Na linguagem dos alunos, vítimas de tal professor, êle: (a) não sabe a matéria; (b) sabe a matéria, mas não sabe ensiná-la; (c) é confuso; (d) é perseguidor e vingativo; isso quando não descem a piores qualificativos.

Muito se tem pesquisado, escrito e debatido sôbre o ponto a partir do qual cessa a "culpabilidade" dos alunos e começa a se configurar a do professor pelo fenômeno da *reprovação em massa*.

Nos Estados Unidos campeiam duas correntes: (a) a dos que consideram como imputáveis ao professor quaisquer índices de reprovações superiores a 3% sôbre o total de seus alunos; b) a dos que adotam o limiar de 7% e dai para cima.

Na Rússia, ao que consta, o índice de imputabilidade adotado é a partir de 20% de reprovações, submetendo-se os professôres que o ultrapassam a um inquérito administrativo(3).

Nos estabelecimentos de ensino das fôrças armadas do Brasil a aprovação ou a reprovação em alta escala são consideradas *anomalias*, submetendo-se o caso a um "inquérito pedagógico" que poderá resultar na anulação da prova.

A maioria dos didatas, verificando a constância dos valores baixos no 1.º quartil da curva de freqüência de qualquer fenômeno estatìsticamente mensurável, inclina-se a considerar o *índice de 16%*, pelo menos teòricamente, como baliza divisória das responsabilidades pela reprovação escolar. Reprovações até 16%, ou em tôrno disso, podem e devem ser provàvelmente imputadas aos alunos, o que equivale a um reprovado em cada grupo de seis alunos. Reprovações acima de 16% e quanto mais ultrapassarem esta norma teórica, apontam com crescente evidência, para a culpabilidade do professor.

Evidentemente, êsse divisor teórico de 16% poderá, em casos especiais, sofrer alterações impostas por condições e circunstâncias imediatas perfeitamente identificáveis. Mas, mesmo então, o desvio para mais não deveria ser muito acentuado. Do ponto de vista da moderna técnica de ensino, reprovações da ordem de 40, 50, 60%, ou mais, depõem flagrantemente contra a competência didática do professor. Conquanto diga o ditado latino que "omnis analogia claudicat", o que diríamos do médico ou do enfermeiro que se gabasse de dar em média a 50 ou 60% dos seus pacientes alta da enfermaria para o cemitério?"

Eis como o Prof. Lauro de Oliveira Lima encara o problema da reprovação:

(1) Na Rússia, nos últimos anos, o índice baixou a 4%. Havendo numa turma mais de 4% de reprovações, o Diretor deve mandar abrir inquérito.

> O normal é o aluno aprender. Reprovar é sintoma de grave infecção pedagógica que pode ser proveniente de várias causas, inclusive do próprio professor(2).

Em artigo publicado na revista *Formação*, o Prof. Paschoal Leme lamenta profundamente o tempo em que se viu forçado a ingressar na região inóspita dos exames orais e explica os motivos que o forçaram a fazer, sempre, como estudante, exames péssimos, abaixo de qualquer crítica:

> "Mal completara meu décimo-segundo aniversário, entrei na região inóspita dos exames, onde seria condenado a viver durante os sete anos seguintes. Foram uma dura provação êsses exames. Os assuntos prediletos dos professôres eram sempre aquêles que menos me agradavam. Gostaria que me examinassem em história, poesia e redação. Mas os examinadores insistiam em latim e gramática. E ganhavam a partida. Ainda por cima, as perguntas que me faziam sôbre essas matérias eram quase invariàvelmente aquelas que eu não estava em condições de responder. Gostaria que me pedissem para dizer o que sabia. Mas êles procuravam sempre interrogar-me sôbre aquilo que eu ignorava. Enquanto eu preferia exibir minha ciência, êles procuravam expor a minha ignorância. Êsse processo teve um resultado: meus exames foram péssimos".

E a reprovação iníqua e injusta que decorre da péssima maneira de proceder do professor, ficará, para sempre, na lembrança do aluno com um sentimento profundo.

Podemos recordar aqui esta trova magistral da poetisa Maria Sabina:

> *Não há nada neste mundo*
> *que mais nos faça amargar*
> *que um sentimento profundo*
> *que só podemos lembrar...*(3)

(2) Cf. LIMA, A., 32.
(3) Cf. SABINA, C ., 84.

CAPÍTULO XVII

O MAU PROFESSOR CONTADOR DE ANEDOTAS

> *O P.M.P. conta a seus alunos anedotas maliciosas e até histórias fesceninas. Alguns fazem propaganda de livros pornográficos.*

As anedotas mais chulas são narradas em aula pelo tremendo e incorrigível P.M.P. Sente o deseducador um prazer todo especial em fazer gestos e insinuações maliciosas, referir-se a certos vícios e não hesita em descer até à degradante pornografia.

Na antiga Escola Normal do Rio de Janeiro, o Prof. Hemetério dos Santos, por qualquer pretexto, contava, diante de uma turma de môças (adolescentes) episódios que a censura não permitiria nem mesmo num filme francês.

Exercia o Prof. Hemetério, com inteira impunidade, a sua obra deseducadora em turmas de jovens, futuras mães de família. Eis a esclarecida opinião do ilustre filósofo Raimundo Teixeira Mendes, um dos mestres do Positivismo no Brasil:

> *Importantíssimo é assegurar à mulher sólida educação, que não deve ser inferior à do homem, pois é ela que semeará, na alma dos futuros cidadãos, conceitos e imagens, com que mais tarde organizarão o mundo inteiro*(1).

(1) Cf. RAUL BRIQUET, *História da Educação*, São Paulo, 1946, pág. 159.

Um professor de português, de um grande colégio feminino carioca (Colégio São Paulo) pedia que as alunas interpretassem trechos de romances de escritor de renome, mas êsses romances eram imorais e repletos de expressões chulas e obscenas.

Êsse P.M.P. alegava como desculpa:

— Tudo o que o livro conta, elas já sabem, e sabem muito bem!

Mesmo trabalhando todos os dias num colégio católico, sob a direção de religiosas, êsse terrível P.M.P. desconhecia o preceito evangélico:

Bem-aventurados são
Irmãos meus,
Os limpos de coração
Pois êles verão a Deus(2).

A preocupação de expungir sua linguagem de expressões maliciosas ou impróprias deve estar latente no espírito do bom professor.

Tece o Prof. Nérici uma observação que deve ser lida:

> *Com relação à expressão verbal, deve o professor evitar as expressões de duplo sentido (double-sens) e que dêem margem a juízos maliciosos por parte dos alunos. O professor mesmo, com relação a estas expressões, nunca deve tomá-las no seu sentido mais puro e não se dar por achado diante da classe. Esta conduta deve ser levada a efeito sem ostentação, mas com simplicidade e firmeza* (3).

O P.M.P., desligado de qualquer atitude de nobreza em sua profissão, conta, em tôdas as aulas, para "distrair" a rapaziada, anedotas picarescas, contos tipo droláticos balzaquianos e chega ao extremo de insinuar aos adolescentes atitudes condenáveis:

— Você está perdendo tempo! Não seja bôbo! Vá tirando as suas *casquinhas*. Aquela morena do 1.º clássico é *sopa!*

(2) Cf. BRANT HORTA, *Via Lucis*, Rio, 1937, pág. 43.
(3) Cf. IMIDEO GIUSEPPE NÉRICI, *Didática Geral*, São Paulo, 1959, pág. 480.

E alude, por meio de palavras e gestos, de requintado peralvilho, a certas perversões sexuais.

O professor que procede dessa forma, não é honesto; não tem dignidade; é um *sujo*.

Sôbre êsse problema das atitudes de honestidade e dignidade diante dos educandos, ouçamos a palavra do Prof. Antônio Sales da Silva, da Faculdade de Filosofia da Universidade do Recife:

> *A honestidade deve presidir todos os atos de nossa vida como professôres e como cidadãos. Honestidade na preparação cuidadosa de nossas lições, honestidade na observância do horário escolar, honestidade na transmissão de um ensino verdadeiro, simples e universalmente aceito ou defendido por alguém, cujas idéias esposemos; honestidade em nossas relações para com os alunos, quanto à remuneração cobrada, quanto ao trato, enfim, no tocante à conduta.*
>
> *Hamilton Nogueira, ao pronunciar sua oração fúnebre à beira do túmulo do ministro Salgado Filho, emitiu êstes pensamentos, que valem por uma advertência:*
>
> *"Em cada homem há dois aspectos, dois lados que devem ser considerados: o lado carnal, isto é, aquêle que falece no têrmo desta vida; o lado espiritual e social — constituído pelas atitudes que sobrevivem nestas ou naquelas circunstâncias. É isso apenas o que os homens têm de eterno* (4).

Na *Didática Magna*, de Comenius, podemos ler estas severíssimas palavras que caem como um azourrague sôbre a cara cínica do P.M.P.:

> *"Maldito seja o que faz errar o cego em seu caminho", diz o Senhor (Deteronômios, XXVII, 18). Maldito seja também o que podendo impedir o êrro do cego, deixa de fazê-lo. "Ai daquele que escandalizar as criancinhas", disse Cristo (São Mateus, XVIII, 5,7)*(5).

(4) Trecho de um discurso. Cf. Rev. *Doxa*, setembro, 1959, pág. 180.
(5) Cf. JOÃO AMÓS COMENIUS, *Didática Magna*, trad. de Nair Fortes Abu-Merhy, Rio, 1954.

CAPÍTULO XVIII

O PROBLEMA DOS TRAJES DO PROFESSOR

O P.M.P. é descuidado com seus trajes. A sua maneira de apresentar-se diante dos alunos já é deseducativa. Parodiando Euclides da Cunha, poderíamos dizer: "O perfeito mau professor é, antes de tudo, um sujo".

Quando o professor é relaxado e desmazelado os alunos, realmente, observam que êle é um "sujo". Não faz a barba diàriamente e deixa perceber, por pequeninos sinais, que não tem o hábito de tomar banho. Fuma, durante a aula, diante dos alunos e toma, às vêzes, atitudes inconvenientes que chocam os adolescentes.

Tivemos um colega, no Colégio Pedro II, professor catedrático de Geografia, que usava a mesma camisa a semana inteira. Só aparecia de camisa limpa na aula de segunda-feira. Prendia a calça, sempre de côr parda, tôda cheia de manchas de lama e gordura, com um cinto de couro grosseiro; o paletó, sempre escuro, em matéria de falta de asseio, sobrepujava a calça.

Assim se apresentava em aula o catedrático de Geografia do Internato do Colégio Pedro II.

Em certos colégios, o diretor obriga o sujíssimo P.M.P. a usar avental. Mas isso pouco adianta. Que faz o P.M.P.? Aparece sempre, em aula, diante dos alunos, com o avental desabotoado e sujo.

O P.M.P. sente prazer especial em dar aula com a mão no bôlso, de modo a tomar atitudes inconvenientes, de verdadeiro cafajeste, diante das adolescentes. Chega, às vêzes, a tornar-se repelente para as môças e mesmo até imoral.

Nas escolas que se destinam a preparar o pessoal subalterno para a nossa Marinha de Guerra os instrutores são obrigados a um rigoroso asseio nos seus trajes e aparência irrepreensível. Eis como são redigidas as determinações dos dirigentes do ensino:

> "O instrutor deve ter uma aparência irrepreensível Bem uniformizado com os distintivos de sua classe ou graduação, bem pregados, roupas bem cuidadas, limpas e bem passadas, calças ajustadas à cintura, camisa dentro das calças e não sobrando demasiadamente na cintura, gola abotoada, mangas arriadas, gravata com laço bem feito, atopetada no colarinho sem estar muito comprida, sapatos brilhando de bem engraxados, meia na côr regulamentar, bonés bem arrumados, casquetes limpos, chapéu alvo e imaculado, barba bem feita tôdas as manhãs, cabelo cortado no regulamento e bem penteado.
>
> Enfim, o instrutor deve dar sempre uma impressão agradável de LIMPEZA, ARRUMAÇÃO, HIGIENE E SAÚDE (1).

Se um professor descuidado, relaxado, dá aula aos alunos em mangas de camisa (sem avental) é porque o diretor permite essa atitude cafajeste do P.M.P.

O culpado, no caso, é o diretor que não procura advertir o seu auxiliar e obrigá-lo a ter atitude decente, de verdadeiro educador, diante dos adolescentes.

E' claro que o professor pode ser um poço de sabedoria; pode ter a erudição de um Poincaré; mas, com tudo isso, perderá o respeito, a simpatia e admiração de seus alunos se andar como mísero pé-rapado, malacafento e sujo.

(1) Cf. COMTE. FARIAS MELLO, Apostilhas.

Eis o que escreveu o Dr. Luciano Lopes em seu livro *O Professor Ideal* (Rio, 1945, pág. 34):

"Fui inspetor do ensino por algum tempo e sou professor há vários anos, de sorte que as minhas observações nesse sentido já se apresentam credenciadas. Ainda neste momento, surge-me na memória a figura de mui erudito professor, que falhou completamente num dos melhores colégios desta capital, só porque sistemàticamente se apresentava em aula com tal desalinho que fazia lembrar um mendigo. Vulgarmente chamam a isso *"filosofia"*. Não desprestigiemos, porém, a Filosofia, identificando-a com tão deplorável falta de cuidado. Isto só para aquêles tempos idos em que se confundia sabedoria e santidade com a falta de higiene".

Devem ser lidas, em relação a êsse problema, as observações do Dr. Nérici:

> "Impõe-se ao professor apresentar-se decentemente vestido, limpo e barbeado. Quanto à professôra, principalmente em classes secundárias, deve ter bastante cuidado com o seu vestuário: que não seja excessivamente justo, decotado ou curto (2). Não deveria estar carregada demais de pintura e de adornos. A professôra, antes de ir para a classe, deveria mirar-se em um espelho e perguntar a si própria: — *"será que estou bem para ir a uma sala de aula ou a uma boate?"* E a resposta certa viria imediatamente" (3).

(2) Veja em nosso livro *O Professor na Vida Moderna*, o artigo: "O decote motivador da Professôra Loura".
(3) Cf. NÉRICI, ob. cit. pág. 181.

CAPÍTULO XIX

A CLASSE E A VIDA ÍNTIMA DO PROFESSOR

O P.M.P. leva para a sua sala de aula tôdas as amofinações, contrariedades, ou problemas da sua vida particular.

No dia em que o P.M.P. tem um aborrecimento grave com a espôsa, ou com a sogra, os alunos sofrem as conseqüências: repreende o estudante pela menor falta, põe o aluno para fora da classe, etc.

Confidenciou-nos, certa vez, um P.M.P.:

— Hoje briguei, em casa, com minha mulher e com minha sogra. Estou com a "macaca". Vou dar zero na turma tôda!

O problema educacional, dentro dêsse setor, assume aspectos muito graves. Ouçamos o que escreveu o Prof. Lauro de Oliveira Lima:

> *O professor desajustado usará, fatalmente, a classe como campo projetivo de sua personalidade neurótica, quer encontrando nela o veículo de descargas e frustrações, quer utilisando os alunos como platéia para suas manifestações de narcisismo* (1).

Vamos reler o que escreveu o Prof. Amaral Fontoura sôbre o espírito de bom humor que deve existir no professor:

(1) Cf. LAURO DE OLIVEIRA LIMA, *A Escola Secundária*, M. E. C., pág. 31.

Outro requisito fundamental do educador é a alegria, o bom humor. Não que o educador viva a dar gargalhadas nem a contar anedotas mordazes. É a alegria suave de quem tem um objetivo na vida e sabe que está caminhando para êste objetivo. É a alegria de quem se sente em paz consigo mesmo, e com os outros. A alegria do dever cumprido (2).

São altamente judiciosas as observações da Prof.ª Maria Emília Alves Saltiel (na *E.S.*, n. 2, pág. 45):

"Existem, na realidade, professôres intransigentes, irascíveis, nervosos, hesitantes, inibidos, etc. cujas reações emocionais vão se projetar sôbre o aluno. Assim, muitos problemas do escolar são conseqüências das atitudes errôneas do professor que lança sôbre seus educandos, os seus próprios complexos. Muitas vêzes o professor reflete na escola os desajustamentos emocionais, conjugais, econômicos, sociais, etc. de sua vida particular. É, pois, de suma importância o ajustamento do mestre, mas não é tudo".

(2) Cf. AMARAL FONTOURA, *Metodologia do Ensino Primário*, Editôra Aurora, Rio, 1955, pág. 31.

CAPÍTULO XX

O PROFESSOR SABATINEIRO

O P.M.P. pode esquecer de tudo, menos de passar sabatinas para os seus alunos. A sabatina é, em geral, um simples pretexto para não dar aula.

Para o P.M.P., dia de sabatina é dia em que êle não se amola, não dá aula. Passa a prova e, em geral, vai ler o jornal ou distrair-se, num ligeiro *papo* com o colega da sala mais próxima.

Essas sabatinas, em geral, êle não lê e não julga. Joga fora.

Vamos ler pequeno trecho do livro *Histórias da Vida Perdida*.

"Professôres há que não vacilam. Pelo menor pretexto, ou mesmo sem pretexto algum, submetem seus alunos a uma prova clássica, ou a um teste, para verificação da aprendizagem. Alguns assim procedem por comodismo: querem fugir ao trabalho da aula, pela ampla janela da prova objetiva — simples de corrigir, fácil de julgar. Se o Regulamento recomenda uma prova (sabatina) por mês, êles triplicam êsse número.

O nosso professor de Geografia, apelidado o Dr. Bagaço, dentro do círculo das suas atividades docentes, aperfeiçoou o sistema. Era radical em matéria de *sabatina para descanso*. As suas aulas, sempre péssimas e deploráveis, de acôrdo com o horário oficial, eram três vêzes por semana (segundas, quartas

e sextas), mas a aula de sexta-feira era sempre cancelada, ou melhor, era substituída por uma sabatina de Geografia.

Dirão os bons didatas que o Dr. Bagaço, com essa preocupação de verificar semanalmente o aproveitamento da turma, atirava voluntàriamente sôbre seus próprios ombros, uma sobrecarga imensa de trabalho: a leitura atenta e correção semanal de trinta e sete provas! Puro engano. Descobrimos, casualmente, que o professor não lia, não corrigia e não julgava as sabatinas das sextas-feiras. A prova era, apenas, o recurso legal de que êle dispunha para não dar aula.

O caso que ocorreu, na aula de desenho, foi obra da fatalidade.

Depois da prova de Geografia, na sexta-feira, seguia-se, para a nossa turma, na mesma sala, a aula de desenho do Dr. Benedito [1]. Ora, o Luiz Vilela, o espertíssimo Luiz Vilela, que se achava na janela da sala, apontando um lápis, viu, casualmente, o Prof. Bagaço que, tendo deixado o Internato, descia apressado (como fazia sempre) pela calçada, do lado dó Colégio, para ir tomar o seu bonde, para o Caju, na Rua Figueira de Melo. Por simples curiosidade, pôs-se o Vilela a acompanhar a marcha, meio acelerada, do professor geógrafo. Em dado momento o Dr. Bagaço parou, tirou de sob o braço esquerdo o rôlo das nossas provas e atirou-o bem alto, por cima do muro, para um terreno baldio, sujíssimo, velho depósito de lixo, que havia pouco depois do jardim do Internato. O Vilela viu, testemunhou tudo, perfeitamente. O rôlo, descrita a clássica parábola (como ensinava em aula o Dr. Costinha [2]), foi cair sôbre um Himalaia de sujidades e incluído no monturo das negras imundícies. Que fêz o Vilela? Deu o alarme. Levou o caso ao conhecimento dos colegas.

— Eu vi — contou indignado — eu vi o Bagaço atirar, no lixo, as nossas provas de hoje. Êle não lê coisa alguma; nem sequer leva para a casa. Está provado. Manda logo para o lixo.

(1) Refere-se ao Dr. Benedito Raimundo da Silva, catedrático de Desenho. Foi um grande colecionador de borboletas.

(2) Dr. *Costinha.* — Trata-se do Prof. Henrique César de Oliveira Costa (1885-1949), ilustre matemático brasileiro, que exerceu a cátedra no Internato do Colégio Pedro II. Era natural de Pindamonhangaba.

Até a nossa prova vira bagaço. Isso é um desafôro! E' uma infâmia!

Na segunda-feira que se seguiu ao episódio da espionagem involuntária do Vilela, um dos colegas, — o Agobar — só para experimentar e apurar a verdade, interpelou o professor num tom de natural curiosidade:

— E as nossas provas de sexta-feira, professor? Foram boas?

— Péssimas — declarou logo o Bagaço, mentindo, com dogmático entono —. Péssimas! Resolvi anular aquela prova. Na próxima sexta-feira, darei outra prova; será outra oportunidade para vocês. Estudem. Estudem e vocês verão.

E falava aos alunos com um ar protetor que irritava os mais calmos.

Descoberta a fraude torpe do professor, muitas coisas, ocorridas na classe, pareciam plenamente justificadas. O Bagaço, alegando sempre desculpas mirabolantes, nunca devolvia as nossas sabatinas depois de *julgadas*. E havia colegas, estudiosos, que em provas, tidas como fáceis, só obtinham nota baixa.

A razão era simples. As notas de aplicação, do Dr. Bagaço, em Geografia, eram dadas por simples palpite.

O Hélio Azevedo tinha sempre oito; ao Agobar, ao Vilela, ao Mendonça e ao Lamartine, o professor atribuía grau seis; vinha, depois, o grupinho do grau cinco (o Emanuel, o Nascimento, o Pedro Rui, o Bruce, o Nazareth e vários outros). Eu ia, em geral, com o resto da turma, para a nota mínima: grau quatro. O Amorim, magrinho e pálido, meio nervoso, com fama de afeminado, era mimoseado com grau sete. Êsse Amorim tinha, realmente, cara de grau sete.

E, dêsse dia em diante, ninguém mais, na turma, tomou a sério, a sabatina do Dr. Bagaço.

— Que adianta caprichar numa prova que vai para o lixo e que o professor não lê? [3]

(3) Trecho do livro: *Histórias da Vida Persida.*

O professor sabatineiro, em geral, não lê as provas de seus alunos, não as corrige, nem as julga.

Alguns, como fazia o Prof. Bagaço, citado nas *"Histórias da Vida Perdida"*, dão as notas por palpite; outros, mais comodistas, não levam as provas para casa e corrigem as sabatinas em classe durante a hora destinada à lição.

No dia da correção de provas é claro que o sabatineiro não dá aula, e, assim, prejudica o ensino, e provoca a desmotivação completa dos alunos.

Em muitos casos, enquanto o professor corrige e anota a prova de um aluno, o resto da turma conversa em voz alta e entra a praticar atos graves de indisciplina (Num colégio em Botafogo os alunos jogavam roleta enquanto o professor corrigia as provas).

Em certos colégios os alunos vão ao diretor e fazem queixa:

— O professor F., corrige as provas em aula! Estamos perdendo tempo!

Infelizmente (e isso ocorre freqüentemente) o diretor sendo totalmente ignorante em Didática, concorda com a atitude errada do professor; em muitos casos o diretor não tem meios de evitar êsse inqualificável abuso do P.M.P. São dois dias perdidos para o ensino, isto é, para os alunos: o dia da prova e o dia da correção das provas!

Nota — O diretor, em geral, nada pode exigir do professor. Sabe, de consciência, que *paga mal* e como paga mal é *mal servido*. Alega o P.M.P. que ganha pouco: a sua vida é um pula-pula diário, contínuo, de um colégio para outro. A falta de tempo é absoluta. Só mesmo corrigindo as provas em aula. Não há outro jeito.

CAPÍTULO XXI

O DESPRESTÍGIO MORAL DO P.M.P.

O P.M.P. perde tôda a autoridade moral e todo o prestígio intelectual perante os alunos, por causa do mau exemplo constante que dá em aula.

Os alunos reconhecem, perfeitamente, quando um professor pertence à legião dos péssimos educadores e faz juz ao título de um perfeito mau professor.

Os adolescente não respeitam, nem estimam o P.M.P. Toleram-no, apenas.

O P.M.P. conta, em geral, com o desprestígio completo, perante a turma. Em certos casos, sem que o P.M.P. perceba, os adolescentes zombam das suas atitudes, comentam suas leviandades e riem-se de suas cafajestadas

Sôbre o grave problema das inadequações entre alunos e professôres, será interessante reler os comentários da Prof.ª Riva Bauzer:

> "As deficiências e inadequações de alunos e professôres devem ser corajosamente reconhecidas e analisadas com franqueza, pois que só assim poderão ser vencidas ou corrigidas. Jamais deverão ser ocultadas, disfarçadas ou transformadas em objeto de zombarias ou ridicularização das pessoas. Os trabalhos realizados em seminários para professôres revelam que o indivíduo ao experimentar a possibilidade de com-

> preender e de ser compreendido vê diminuidas suas próprias resistências, que cedem diante de evidências essenciais. Sòmente as qualidades e os fatôres positivos passam a ser explorados para benefício do grupo" (1).

Não pode o verdadeiro educador ignorar a nobreza de sua missão. E a professôra Maria Helena Prestes Barra Teixeira focaliza o problema em têrmos bem claros:

> "O que se faz necessário hoje, mais do que nunca, é dar aos professôres a consciência da responsabilidade que lhes cabe como orientadores das futuras gerações. Que êles descubram a nobreza de sua missão e recebam a formação profissional indispensável para ensinar de acôrdo com as necessidades da criança, aliando a esta formação moral a aptidão para transmitir"(2).

Deve o professor revelar decidido interêsse pelas técnicas pedagógicas modernas. Em artigo publicado no *Estado de São Paulo* (9-6-62) escreve o Prof. Florestan Bernardes:

> "Ninguém ignora que o principal fator da inércia de nosso sistema escolar está no alheiamento do professor em relação aos ideais ou às técnicas pedagógicas modernas".

Nota — A revista *Formação,* de indiscutível interêsse para os professôres, citada em nossa bibliografia, foi mantida, orientada e publicada durante vários anos, pelo saudoso educador, jornalista e sociólogo Djalma Cavalcanti. *Formação* era uma excelente revista, animada sempre de alto espírito de patriotismo.

(1) Cf. RIVA BAUZER, Rev. *Formação*, n.º 193, 1954,pág. 42.
(2) Cf. MARIA HELENA PRESTES BARRA TEIXEIRA, *Orientação Metodológica para o Ensino da Linguagem do Curso Primário*, Rio, 1957, pág. 134.

CAPÍTULO XXII

O P.M.P. E A CRÍTICA MOTIVADORA

Não procura o P.M.P. incentivar os seus alunos, elogiar os trabalhos feitos nem procurar cativar a amizade dos mais fracos. O P.M.P. detesta o aluno fraco.

O P.M.P., em geral, não adota o método do caderno dirigido. Dá aula de pura *salivação* no quadro-negro e permite o deplorável sistema dos apontamentos livres. Quando exige dos educandos um trabalho de classe ou extra-classe o P.M.P. não lê, nem comenta o trabalho, a não ser quando deseja zombar dos erros ou fazer pilhérias com os alunos mais fracos.

Crítica, realmente motivadora, é tarefa que o P.M.P. jamais seria capaz de praticar.

A verdade é a seguinte:

O P.M.P. não corrige nenhum trabalho escrito e não se interessa pelo aproveitamento dos alunos.

Como desculpa, o P.M.P. alega que, sendo mal pago, vê-se forçado a dar muitas aulas, por dia, em vários estabelecimentos. A vida de um professor particular é um corre-corre permanente de um colégio para outro. O P.M.P. não tem tempo para corrigir cadernos, nem tranqüilidade de espírito para se interessar pelo aproveitamento de seus alunos. E, abordando êsse grave problema, escreveu a Professôra Irene Melo Carvalho:

O trabalho do professor falha no que é essencial, ou seja na orientação das atividades discentes — centro legítimo de ensino — porque as condições econômicas, reflexo das do país, obrigam-no a realizar outros trabalhos além de suas aulas ou exigem que êle dê um número excessivo de aulas (1).

E o P.M.P., sem a menor parcela de idealismo, alegando sempre dificuldades econômicas ("não sou pago para isso", "tenho vida de mendigo", "não ganho para ser explorado") desinteressa-se, em absoluto, de averigüar a situação econômica-social de cada um de seus alunos, o porquê das faltas ou as dificuldades que os jovens têm a vencer para cumprir as suas obrigações de estudo.

Há, entretanto, uma face negativa no caso:

O P.M.P. sente um prazer especial em fazer referências depreciativas aos alunos mais humildes.

E fere alguns dos educandos com expressões grosseiras:

— Você parece filho de lixeiro aposentado!

— A sua linguagem é de lavadeira boçal!

Aos filhos de estrangeiros, procura o P.M.P. ofender com apelidos pejorativos:

— Olha o Galeguinho! Êsse turco não vale nada! Vou dar zero nesse Gringo idiota!

Críticas e sarcasmos — observa Hermanns — devem ser evitados, pois desanimam e a sala de aula é um santuário no qual as crianças entram para render culto à esperança (2)

O Prof. P. do C., catedrático de História do Colégio Pedro II, quando se dirigia a um aluno que era filho de português, dizia, com a maior desfaçatez:

— Você, que é filho de um lusitano, deve ser, com certeza, tão burro como seu pai!

(1) De uma tese apresentada à I Conferência Nacional de Estudos sôbre a Articulação do Ensino Médio e Superior.

(2) Cf. WILLIAM HERMANNS, Ph. D,. *Princípios Básicos do Ensino*, Rev. *Formação*, n.º 35, ano IV, junho de 1941, pág. 13. Traduzido de *Education*, setembro de 1939, Boston, Mass.

E essa chalaça grosseira era recebida com uma gargalhada bajuladora da turma (3).

O Dr. P. do C. era um homem culto; muitos colegas o apontavam como um orador brilhante. Deixou várias obras publicadas; mas não sabia respeitar seus alunos. Não era um educador. Era um perfeito mau professor.

E o P.M.P. é inalterável. Uma vez P.M.P., continuará sempre P.M.P.

A sentença do poeta Araujo Filho é bastante expressiva:

Ninguém pode mudar a noite escura
em dia azul, sem nuvens, cristalino (4).

(3) Sôbre êsses problemas raciais, no Brasil, convém ler: Faris Antônio S. Michaelis, *Antropologia Física*, pág. 172.

(4) Cf. ARAUJO FILHO, *O Pássaro do Sonho*, Recife, 1955, pág. 107.

CAPÍTULO XXIII

O P.M.P. E O PROBLEMA DA DISCIPLINA

O P.M.P. não sabe, em muitos casos manter a disciplina na classe e estimula com atitude indiferente ou com sorrisos complacentes, o hábito da desordem dentro da aula.

Como o P.M.P. não ensina, não ocupa a turma com uma atividade interessante, a turma cai logo em vadiação mental.

Dessa vadiação mental decorre a indisciplina que o P.M.P. não sabe e não consegue evitar.

Vejamos como o problema da disciplina em classe é apreciado pelo Prof. Luís Alves de Matos:

> *A indisciplina e a desordem são sempre os frutos inevitáveis da vadiagem e disponibilidade mental. O aluno mentalmente desocupado é sempre um fator de indisciplina, se não já atual, pelo menos potencial. O trabalho e a atividade mental são sempre as melhores garantias de boa disciplina* (1).

Na opinião do Prof. Aquiles Archêro Júnior, a indisciplina decorre da falta de autoridade do P.M.P.:

(1) Cf. LUÍS ALVES DE MATOS, *Manejo de Classe*, in *Escola Secundária*, n.º 1, Junho de 1957, pág. 23.

> *A disciplina em nossas escolas constitui verdadeiramente um problema. O que vemos, em realidade, é a falta de disciplina. Não há ordem, não há direção, só liberdade desenfreada, a independência de todo o freio moral, enfim, a confusão e a anarquia.*
>
> *E isto não é só na maioria das escolas particulares, mas nas oficiais também. Não há mais a relação de professor e aluno, superior e inferior, pois "onde falta a autoridade não há mais quem mande nem quem obedeça".*
>
> *Bem diz Monsenhor Pedro Anísio: "Não se compreende, pois, magistério sem autoridade, educação sem disciplina. Os pais e os mestres devem intervir na obra educativa para regular e dirigir o desenvolvimento, para corrigir as inclinações desordenadas, excitar e ordenar as boas, para iluminar a inteligência e fortalecer a vontade com as verdades sobrenaturais e os auxílios da graça* (2).

O professor consegue, fàcilmente, a disciplina da classe impondo-se na amizade de seus alunos e procurando tornar suas aulas movimentadas, alegres e com boa aprendizagem.

Adverte, com segurança, o Prof. Theobaldo Miranda:

> "O professor deve fazer tudo para tornar suas lições atraentes e agradáveis. Todos os meios e recursos possíveis devem ser empregados para isso. Mas a motivação do trabalho escolar não depende apenas do assunto das lições e da maneira de desenvolvê-las, mas também do ambiente da classe e, sobretudo, da personalidade do professor. E o professor deve manter, no trabalho escolar, uma atitude permanente de simpatia, de entusiasmo, de bom humor, de otimismo, de bondade e de compreensão" (2).

(2) Cf. AQUILES ARCHÊRO JÚNIOR, *Lições de Pedagogia*, 3.º ano, 1.ª ed., Edições e Publicações Brasil, s/d, pág. 70.

(3) Cf. THEOBALDO MIRANDA SANTOS, *Noções de Didática Geral*, São Paulo, 1955, pág. 260.

CAPÍTULO XXIV

LINGUAGEM GROSSEIRA DO P.M.P.

Incapaz de dominar os seus impulsos o P.M.P. quando se exalta, profere grosserias pela menor coisa. Com a crespidão de suas frases ofende até as jovens que se acham presentes.

O caso ocorreu num grande colégio em Botafogo (Rio). Naquele dia, precisamente a nossa turma, do 1.º ano clássico, estava resolvendo problemas sôbre áreas e volumes, quando ouvimos brados e zuadas que partiam da sala vizinha. Houve, em nossa classe, entre os adolescentes, uma certa expectativa e curiosidade. Que teria acontecido?

Cheguei até à porta e olhei para o corredor. O nosso colega, da cadeira de latim, havia se sentido melindrado por um aluno (que fôra por êle observado), expulsara o rapaz da sala e de pé. junto à porta, berrava como um possesso:

— Comigo não! Eu sou macho! Sou homem em qualquer terreno! (1)

(1) Eis a judiciosa observação do Prof. Rafael Grisi, em seu livro *Didática Mínima*, (São Paulo, 1963, pág. 5):

"Nunca se iguale o mestre ao aluno malcriado. Nem de seus lábios saia palavra que não possa ser repetida. Explica-se que uma criança ou adolescente escandalize o professor, mas não há escusa para o que, tendo o ofício de educar, o professor escandalize o adolescente ou a criança. É o exemplo, no mestre, a grande fôrça formadora".

Eram essas, precisamente, as expressões grosseiríssimas que o P.M.P. usava com o intento de ofender o adolescente que tentara reagir contra a sua forma indelicada de se dirigir aos alunos.

Sentia-se que o professor, por ser violento e impulsivo, não soubera dominar-se, ter calma e serenidade, para forçar o jovem a ser obediente e correto.

Recordemos estas palavras sentenciosas de um autêntico educador:

> *Se é função precípua do ensino secundário, como diz a Lei Orgânica, formar a personalidade integral do adolescente, e se esta atividade confunde-se com a própria atividade docente, o professor deve, precisa ser êle mesmo uma personalidade bem ajustada, emocionalmente equilibrada e, sobretudo, madura. Sem esta condição não poderá ser um orientador, um guia, vale dizer, um educador* (1).

Muitos professôres conhecemos que dirigem aos alunos expressões indelicadas e até insultuosas. Os diretores, quando informados dessa falta de compostura de seus auxiliares, não tomam a menor providência.

Eis os epítetos que certo professor de Matemática, homem pouco educado e bastante genioso, dispensava aos seus alunos de uma turma do 2.º ano ginasial:

— Estúpidos! Cavalos! Cretinos! Imbecis!

Eis os casos que deram origem a essas expressões grosseiras:

O Professor, ao entrar, apressado, na sala, já depois de batido o sinal, tropeçou, sem querer, no pé de um estudante. O jovem foi logo agraciado com êste tratamento do *educador*:

— Estúpido!

Dois alunos, chamados ao quadro-negro, não souberam resolver um problema proposto pelo mestre. Enfureceu-se o professor com o despreparo dos jovens e bradou colérico:

— Vão se sentar, seus cavalos! Ambos vão levar grau zero!

(1) Cf. PAULO CAVALCANTI C. MOURA, *O Professor como um líder*, Revista Secundária, n.º 10.

Durante a aula um garôto declarou não ter entendido bem certa demonstração. A resposta do P.M.P. foi imediata:

— Eu já sabia disso! Você, além de cretino, é imbecil!

W. Hermanns, educador alemão, firmado na alavanca da sua longa experiência, escreveu:

> *Educador que tem paciência, usa, prudentemente, da repreensão e do elogio, do castigo e da recompensa, de maneira que essas armas, poderosas auxiliares, não venham a se tornar inúteis. Deve achar, sempre, oportunidade para mostrar seu bom humor, como fator estimulante, e aproximar-se do aluno com a mentalidade semelhante à da criança, pois não ignora que o verdadeiro respeito não é criado pelo afastamento, mas pela compreensão mútua* (2).

E' dever do bom professor ser delicado. De forma errada procede aquêle que repreende o aluno. Eis como a atitude do verdadeiro mestre é apreciada pela professôra Maria Ferri Soares Veiga:

> *Se você encontrar um aluno fazendo qualquer coisa errada, aconselhe-o, se puder, com modos delicados. Se êle não o atender, não insista. Comunique o fato à Direção. Nunca, de modo algum, ralhe ou grite com o aluno. Só em caso de perigo você deve impedir um aluno "à fôrça" de fazer qualquer coisa.*
>
> *Respeite o aluno como pessoa que merece tôda a consideração e êle também respeitará você* (3).

E tudo isso parece ter sido originado num fato muito simples: O P.M.P., dentro das agitações de sua vida, esquece que a escola existe sòmente por causa do aluno, e não para proporcionar salário no fim do mês aos professôres.

Nessa tecla a professôra Maria Ferri volta a tocar com muita segurança e fala ao P.M.P. com a maior simplicidade:

(2) Cf. WILLIAM HERMANNS, Ph. D., *Princípios Básicos do Ensino*, Rev. *Formação*, n.º 35, ano IV, junho de 1941, pág. 11.

(3) Cf. MARIA FERRI SOARES VEIGA, *Humanização da Escola*, In *Escola Secundária*, n.º 16, pág. 6.

> *Em uma escola, o maior interêsse é sempre o interêsse do aluno.*
>
> *Não se esqueça de que, em uma escola, a pessoa mais importante é o aluno.*
>
> *A escola é o aluno.*
>
> *Lembre-se sempre de que, se existe escola, é porque existe aluno.*
>
> *Se não houvesse aluno nem você nem eu estaríamos aqui.*
>
> *E não se esqueça de que:*
> *NESTA ESCOLA TODOS SÃO AMIGOS* (4).

O educador escocês Gilbert Highet afirma que um dos requisitos do bom ensino é o professor gostar dos alunos. E acrescenta êste aviso que o P.M.P. deveria ouvir, mas ao qual, seguramente, não dará a menor atenção:

> *Se realmente você não gosta dos meninos e meninas, ou dos adolescentes, abandone o ensino* (5).

O poeta paulista Gentil Fernando de Castro, em dois versos, retrata muito bem o P.M.P.:

> *Tem sempre a cara fechada*
> *Mas a garra sempre aberta* (6).

(4) Cf. MARIA FERRI SOARES VEIGA, Ob. cit.

(5) Cf. GILBERT HIGHET, A Arte de Ensinar.

(6) Cf. GENTIL FERNANDO DE CASTRO, *Colar Partido*, Cruzeiro, São Paulo, 1963, pág. 149.

CAPÍTULO XXV

PÔR O ALUNO PARA FORA DA CLASSE

O P.M.P. pelo menor pretexto (sorrisos em aula, cochichos, um bocejo, etc.) põe o aluno para fora da classe e manda-o para a Diretoria.

E' possível que um professor seja obrigado a fazer com que um aluno se retire da sala. Mas para que isso aconteça é preciso que o aluno culpado tenha praticado um ato de indisciplina gravíssimo. E êsses casos ocorrem, em geral, de cinco em cinco anos. São casos raríssimos. Mas, no caso do P.M.P., o problema muda de figura; diàriamente o P.M.P. põe dois ou três alunos para fora da classe.

Será interessante ouvir, sôbre essa tão debatida questão, a opinião de um didata. Eis como opina o Prof. Rafael Grisi:

> *Não é aconselhável dar nota zero, expulsar alunos da sala de aula ou apelar para a autoridade de outrem (diretor do estabelecimento, inspetor de alunos, chefe de disciplina etc.), para manter a sua própria; são medidas extremas e sòmente cabíveis em casos extremos.*
>
> *Não é aconselhável também usar de rigor excessivo na vigilância dos alunos em classe, punindo-os pelas mínimas faltas com admoestações freqüentes ou outros meios.*
>
> *O prestígio e eficácia das medidas punitivas, sejam estas quais forem, estão na razão inversa da freqüência de seu emprêgo. Não banalize o professor a sua zanga e, sendo possível, não se zangue nunca. Investigações psicológicas têm revelado que os atos chamados de "indisciplina" dos alunos são, em grande parte, resultantes de frustrações na aprendizagem e na vida escolar em geral, a que se juntam as emoções de "mêdo" e de "cólera", conseqüentes; de mais a mais, um exame de consciência, sincero e imparcial, do professor poderá persuadí-lo de que, em muitos casos, tais frustrações e muitas de suas manifestações — bocejos, desinterêsse, cochichos na sala de aula, risadinhas e impertinências dos alunos — devem ser levados à conta de deficiências da escola e do próprio docente* (1).

Há um conselho que deve ser dado pelo diretor ao P.M.P. que tem por hábito expulsar da sala os alunos inquietos.

O conselho é o seguinte:

— Sempre que o colega achar que a única solução para o caso é a expulsão do aluno da classe, saia também da classe. Mas saia na frente do aluno. Proceda a sua auto-expulsão por incapacidade didática. Se o colega soubesse cativar a amizade, o interêsse do aluno, tornar a aula viva e interessante, o aluno não daria motivo algum para ser submetido a um castigo tão grave e tão vexatório.

Em resumo:

— Sempre que um professor põe um aluno para fora da classe, deve também, sair da classe na frente do aluno. O maior culpado, no caso, foi êle próprio. (2)

---

(1) Cf. RAFAEL GRISI, *Didática Mínima*, Cia. Editôra Nacional, São Paulo, 5.ª ed., 1963, págs. 8 e 9.

(2) O Prof. Aurélio Morales, diretor do Colégio Estadual e Escola Normal *Dr. Waldomiro Silveira*, em Cafelândia (S. P.), adotou a seguinte medida: Sempre que um professor expulsava um aluno da classe, e mandava-o para a Diretoria, era obrigado a declarar, por escrito, numa ficha, o motivo da expulsão, isto é, a falta grave cometida pelo aluno. Em geral os professôres (P. M. Ps.) escreviam na tal ficha: "Cochichos com o colega ao lado; risadinhas; bocejos; virou-se na carteira; piscou para uma colega, etc."

CAPÍTULO XXVI

BATEU O SINAL

Tanto é impontual, incorreto e deseducador o professor que entra atrasado em aula, como aquêle que prolonga a aula depois de batido o sinal de terminação.

LUIS ALVES DE MATOS
Didática Geral, pág. 71.

Uma vez ouvido o *sinal* deve o professor dar por finda, *imediatamente*, a sua aula. Nem mais um exemplo, nem mais um exercício; nem mais uma palavra, a não ser a fórmula delicada e usual de despedida. E' preferível deixar inacabado um certo assunto, sem conclusão o enunciado de um problema ou a explicação de uma figura — a proporcionar à turma um *deplorável exemplo de indisciplina e desordem*. Sim, porque o toque da campainha exprime uma ordem bem clara do diretor:

— Sr. professor! Está terminado o seu tempo!

E o professor que *ouve essa ordem* e prossegue na lição (repreendendo o aluno estouvado ou passando exercícios), é um indisciplinado, é um deseducador.

Há professôres, mal orientados, que sistemàticamente prolongam a aula dois e até três minutos depois de batido o sinal. Acham tal atitude muito correta e pretendem, com isso, deixar, no espírito de seus alunos, a impressão de que êles se interessam pela matéria, pelo ensino, pela turma. Péssima maneira de agir.

Mais interessante, dentro da obra educacional, seria que êsses professôres revelassem maior interêsse pela *ordem* e pela *disciplina*. Educar primeiro, ensinar depois. A aula não deve ser dada por finda (pelo professor) nem antes e nem depois de batido o sinal.

Lembre-se o professor, ao ouvir tilintar a sineta, que o tempo do aluno é *sagrado*. Os dez minutos de intervalo são, para o estudante, preciosos. Êle precisa dêsses dez minutos *na íntegra, sem desconto algum;* é um crime privá-lo de uma fração mínima dêsse tempo. Ora é um aluno que *precisava sair* e que se conteve, na certeza de que faltavam dois minutos ou três minutos para o sinal. Em que situação de constrangimento ficará êsse aluno delicado ao ver o mestre prolongando irregular e indevidamente a lição? Outras vêzes trata-se de assunto particular e urgente a resolver na Secretaria, de um objeto a ser procurado com um colega, de um recado importante a ser dado a um irmão ou amigo. Em outras ocasiões — e isso é de suma importância — há um desafio de "ping-pong", que deve ser decidido, lá fora, no pátio, durante aquêles dez minutos. O professor que prolonga a aula e não se lembra dêsse "ping-pong", pode ser um sábio, um cientista de renome, mas é um péssimo educador! Acresce, ainda, que a turma, por uma questão de ordem interna, precisa mudar de sala ou preparar-se para a aula seguinte. O professor indisciplinado perturba, com a prorrogação indébita de sua aula, invadindo um intervalo de tempo que não lhe pertence, a boa marcha do serviço, cria dificuldades para a administração, tumultua o andamento dos trabalhos escolares. E qualquer noção explicada depois do sinal, *resultará inteiramente inútil*. Não é possível mais controlar a atenção dos alunos.

Mais se agrava o êrro disciplinar do professor, quando a desobediência ao sinal ocorre no término da última aula. A turma precisa sair; e sair imediatamente. Nas grandes cidades avulta o problema da condução; de dois ou três minutos perdidos, podem advir graves transtornos.

Cumpre ao bom professor controlar, muito atento, pelo relógio, os dez últimos minutos da aula, de acôrdo com o seu roteiro. Dois ou três minutos antes do *sinal* já os trabalhos ex-

tra-classe estão indicados, o estudo semi-dirigido determinado, as principais recomendações estão feitas, etc. Que o *sinal* surpreenda a turma que está motivada, mas não ao professor que está com a sua tarefa, daquele dia, bem terminada.

Em resumo: Dado o sinal, o bom professor, correto e atento, encerra no mesmo instante a sua aula; o mau professor, distraído e displicente, conclui a frase, completa o pensamento ou chega ao fim do problema; o *péssimo professor,* o mestraço deseducador, o *Perfeito Mau Professor,* incorreto e indisciplinado, passa exercício, argüi a turma, repreende os alunos...

Batido o sinal a aula terminou.

E terminou mesmo para o bom professor.

O general A. Q., catedrático de Matemática do Colégio Militar, dizia com freqüência, aos colegas:

— Nessa questão do sinal, para o término da aula, procuro ser corretíssimo, impecável.

E explicava:

— Se por acaso estou na pedra, traçando uma circunferência, e ouço o toque da campainha, paro imediatamente. Não termino a curva. Fico no arco de 184 graus, 48 minutos e 30 segundos.

— Com essa precisão? — indagou, curioso, um dos ouvintes.

— Sim — replicou o Prof. A. Q. — E' na precisão matemática do arco que reside o meu espírito de disciplina.

E tinha razão. O general A. Q. era um excelente Professor.

CAPÍTULO XXVII

O P.M.P. E AS ATIVIDADES DE CLASSE

O P.M.P. permite que os alunos durante a aula se ocupem com atividades de outras matérias, pois só assim poderá ler o seu jornal sossegado.

O sistema da liberdade em classe é, em geral, adotado pelo P.M.P. que o Prof. Nérici classifica de *tipo instável.*

Qual é a atitude do tipo instável?

Responde o ilustre didata paulista:

> "É dos que um dia está de bom humor, alegre e camarada, para, no outro, se mostrar intragável e grosseiro. Passa, às vêzes, momentos de calma e outros de nervosismo, o que transmite aos alunos um estado de permanente insegurança. Êste tipo de professor não chega nunca a criar um ambiente propício ao trabalho continuado (1).

Sob cem máscaras diversas procura o *instável* ocultar a sua personalidade. O adolescente recebe-o com desconfiança:

> *Que máscaras escondem o teu rosto*
> *Que infinitos perfis elas me ocultam?* (2).

(1) Cf. IMIDEO GIUSEPPE NÉRICI, *Didática Geral,* São Paulo, 1959, pág. 143.

(2) Êsses versos são do poeta português José Manuel e figuram no poema modernista *Amazona.*

A verdade é bem simples:

Que poderá esperar dos alunos o professor que demonstra desamor ao trabalho e à escola? (3)

Em artigo, publicado na revista *Escola Secundária* (n.º 15, pág. 1), o professor João J. de Sales Pupo mostra como é deplorável a ação da Escola fora da realidade da Vida:

> "Tarefa fundamental que os professôres muitas vêzes descuram, é a criação de condições para que o aluno ponha em evidência sua capacidade intelectual, seja exercitando-a na formulação precisa de idéias, seja desenvolvendo hábitos de estudo e de trabalho que preparem a autoeducação futura ou, que pelo menos o levem a conquistar, por esfôrço próprio os conhecimentos. Só assim poderá formular soluções para problemas novos".

Êsse professor instável, que revela desamor ao trabalho e à escola, é seguramente, um professor sem ideal, isto é, um legítimo P.M.P.

Vamos transcrever esta notável apreciação do Dr. Theobaldo Miranda Santos:

> "Sòmente um ideal de vida que transcenda a contingência inelutável da realidade terrena, e a imperfeição substancial dos valores humanos, poderá emprestar à personalidade do educador a energia, a tenacidade e o heroismo necessários, para que êle possa vencer os obstáculos e as desilusões que encontrará, a cada passo, em seu caminho coberto de espinhos, e atingir a meta final de sua árdua e dignificante jornada". Cf. THEOBALDO MIRANDA SANTOS, *Bases Filosóficas da Educação*, S. Paulo, 1960, pág. 205.

(3) Cf. RAFAEL GRISI, *Didática Mínima*, pág. 2.

CAPÍTULO XXVIII

CASTIGOS COLETIVOS E CASTIGOS IMPIEDOSOS

Além dos castigos coletivos, o P.M.P., sempre que pode, submete seus alunos a castigos impiedosos.

Todos os bons educadores condenam radicalmente os castigos coletivos. O castigo coletivo exprime, de um modo certo, uma série de iniqüidades e injustiças.

Em sua Pedagogia, o Sr. Mario Gonçalves Viana vergasta com sua impiedosa crítica o professor descriterioso que aplica castigos coletivos:

> *Nunca se deve aplicar qualquer castigo a um inocente. Quando não se saiba quem cometeu a falta, é preferível deixá-la impune. Diz um aforismo de Direito Penal: "Mais vale deixar sem castigo um culpado do que punir um inocente". No caso de dúvida é preferível que o professor se abstenha. Os castigos aplicados a inocentes desprestigiam o educador, e provocam indignação* (1).

A educadora católica Consuelo Sanchez Buchon acha que o castigo coletivo, mesmo para uma turma totalmente indisciplinada, é injusto:

(1) Cf. MARIO GONÇALVES VIANA, *Pedagogia*, Pôrto, 1955.

"Não impor castigos coletivos — recomenda a Sra. Buchon — Êstes nunca são justos; já que todos os discípulos não são culpáveis ou pelo menos o são em diferentes intensidade e forma" (2).

Havia, antigamente, sistemas punitivos que os professôres empregavam com freqüência em suas classes.

Vamos transcrever o curioso depoimento que ouvimos da professôra Sônia Maria da Rocha Alcântara, de Salvador (Bahia):

"Freqüentava meu primo Lauro um colégio religioso de Salvador. Havia nesse colégio um professor que era, aliás, sacerdote, que recorria a uma forma muito original de castigar os alunos. Durante a aula êle mantinha na mão a tramela da porta (3). Quando o aluno errava o padre atirava no aluno, num golpe rápido, a tal tramela e, em geral, acertava na cabeça ou no rosto do garôto. O padre fizera-se exímio na pontaria. Não falhava. E, por vêzes, chegava a ferir o aluno atingido. O aluno que levava a *tramelada* era obrigado a apanhar a tramela e ir entregá-la ao professor que ficava, assim, pronto para castigar outro educando" (4)

E, agora, apontemos o caso de um castigo coletivo que não deixa de ser também original. Ouçamos o relato da professôra Arlete Leão de Amorim, que leciona na cidade de Feira de Santana, na Bahia:

"Meu professor de Português da 1.ª série de Ginásio (Dr. Adolfo Tourinho) adotava o método da lição marcada, e tomava a lição sem ter explicado o assunto. Recordo-me que, ao estudarmos "metaplasmos", a maioria dos alunos não conseguiu decorar todo o ponto, e muitos deixaram de responder a várias

(2) Cf. CONSUELO SANCHEZ BUCHON, *Pedagogia*, trad. da 2.ª ed., pela Instituição Teresiana do Rio e Josephina Maria Lacerda Vieira, Rio, 1958, pág. 208.

(3) A narradora nada esclarece em relação ao tamanho, à forma e à natureza dessa *tramela*.

(4) A educação do caráter pelo regime do terror que o castigo físico implantava, se constituiu numa inexgotável fonte de morbicidade, determinando verdadeiros círculos viciosos nas gerações sucessivas de professôres e alunos". Cf. ELIEZER SCHNEIDER, *Educação do Caráter e Personalidade Autoritária*. In *Boletim do Instituto de Psicologia*. Dez., 1960, pág. 15.

perguntas que o professor fazia, lendo no lixro-texto. Resultado: tivemos que copiar, em casa, trinta vêzes todo o capítulo dos "metaplasmos", pela gramática de Eduardo Carlos Pereira, sob pena de não podermos freqüentar as aulas. Até hoje tenho um verdadeiro horror pelo estudo da Gramática e nem quero imaginar o que possa ocorrer".

Os castigos físicos foram proibidos e, em muitos estabelecimentos, inteiramente abolidos. A palmatória é um instrumento que já passou para a História.

Mas, a título de curiosidade, levemos ao conhecimento dos leitores pequeno trecho do interessante artigo do escritor e acadêmico Afrânio Peixoto, publicado na revista *Infância e Juventude* (Setembro, 1936, n.º 4):

> "Refere DITTES que um mestre-escola da Suabia, morto em 1782, teve a paciência de contar as manifestações de seu *orbilismo* (5) no decorrer de sua vida no magistério: 911 527 pauladas; 124 010 chicotadas; 10 235 bofetadas; 1 115 800 sopapos; 777 vêzes fizera ajoelhar sôbre objetos pontiagudos; 5 001 aplicara nos meninos o barrete com orelhas de burro; 1 707 vêzes castigara os alunos obrigando a ficar de pé com as mãos para cima, e tudo isto acompanhado de um vocabulário de 3 000 palavras de descompostura. Schopenhauer, já no século passado, viria a justificar êsses bárbaros castigos, tão naturais, dizia êle, quanto às mordeduras de feras e as chifradas de touros" (6).

O Dr. M. Rodrigues de Mello, ilustre poeta e folclorista, em seu livro de Memórias, intitulado *Cavalo de Pau* (pág. 37) oferece-nos um depoimento muito curioso:

(5) Com o nome de Pupilio Orbilio viveu, em Roma (no ano 12 a. C) um gramático que foi professor de Horácio. Segundo o relato de alguns biógrafos, o tal Orbilio, em seu ensino, recorria à motivação negativa espancando o aluno' Justifica-se, dêsse modo, o neologismo de Afrânio Peixoto: *orbilismo*. Cf. AFRÂNIO PEIXOTO, *Noções de História da Educação*, S. Paulo, 1933, pág. 57.

(6) Cf. AFRÂNIO PEIXOTO, *Noções de História da Educação*, S. Paulo, 1933, pág. 161.

"Só depois com as sucessivas reformas do ensino público foi abolida a palmatória, permanecendo ainda durante muito tempo como instrumento os açoite no seio dos lares.

Ainda hoje está perfeitamente em voga em certas famílias da região.

Mas, além da *palmatória* e dos castigos clássicos, há outros igualmente curiosos e típicos, ainda praticados em pleno Século XX. O *rebenque*, a *silha*, a *chinela*, a *palmada*, o *chicote* ou *bacalhau*, a *corda*, a *sola*, a *ligeira*, todos ligados à vida rural. A *peia*, o *cipó*, o *talo de carnaúba*, revivem, igualmente, tradição milenária do açoite.

Isto sem falar nos subsidiários, tais como as *pancadas na cabeça a cabo de faca, de garfo, colher de pau, mão de pilão*, o diabo" (7).

O professor que se mostrava, em relação aos seus alunos, severo e ríspido (vejam bem: dois péssimos atributos), era, antigamente, apontado como um *grande educador*.

Convém ler com atenção esta surpreendente confissão do grande escritor José de Alencar, no seu livro *Como e por que sou Romancista* (pág. 81):

"Januário era, talvez, ríspido e severo em demasia; porém nenhum professor o excedeu em zêlo e entusiasmo com que desempenhava o seu árduo ministério. Identificava-se com o discípulo; transmitia-lhe suas emoções e tinha o dom de criar no coração infantil os mais nobres estímulos, educando o espírito com a emulação escolástica para os grandes certames da inteligência".

Êsse professor, severo e ríspido em demasia, chamava-se (conta-nos José de Alencar) Januário Mateus Ferreira.

E o autor de *Iracema* acrescenta:

(7) Muita clara e irrespondível é a observação feita pela Prof.ª Ofélia Boisson Cardoso (*E. S.*, n.º 2, pág. 33): "Censuras e punições, infelizmente muito mais empregadas do que encorajamento e estímulo, por si sós de nada valem, ou melhor, valem negativamente, porque acabam por criar um hábito de cinismo ou de indiferença".

"Usava sapatos rinchadores; nenhum dos alunos de seu colégio ouvia de longe aquêle som particular, na volta de corredor, que não sentisse involuntário sobressalto". (Ob. cit.).

A ameaça do castigo era de tal ordem que a simples aproximação do professor (que devia ser motivo de júbilo) causava "sobressalto" nos alunos!

Citemos outro depoimento bastante expressivo.

Em seu romance *Memórias de Um Sargento de Milícias*, o romancista Manuel Antonio de Almeida oferece-nos o perfeito retrato de um professor carioca em pleno Século XIX:

"Era êste (o professor) um homem todo em proporções infinitesimais, baixinho, de carinha estreita e chupada, excessivamente calvo; usava de óculos (sic), tinha pretensões a latinista e dava bolos nos discípulos por *dá lá aquela palha*. Por isso era um dos mais creditados da cidade".

Quais eram os títulos positivos que êsse mestre-escola apresentava para merecer o alto conceito social: usava óculos (sic), tinha pretensões a latinista e aplicava bolos nos alunos por *dá cá aquela palha*.

Os bolos apareciam sempre como complemento da obra educativa.

Essa educação antiga (pelo terror) a rotina insiste em manter latente no espírito de muitos maus professôres. Os bolos foram por muitos abolidos. Mas os *carões, os castigos e privações* permanecem.

Recordando a vida dos meninos que eram, na antiga cidade do Recife, torturados pelos maus professôres, escreveu Mario Sette:

Qualquer bichano careta
abre hoje uma escola
e de palmatória em punho
nos alunos bate sola.
E os coitados dos meninos
por não saberem a lição

vivem sofrendo o castigo
desta nova Inquisição.
Pois que são inquisidores
os mestres que por aí há
que julgam que mais ensina
quem mais nos alunos dá (8).

Para evitar os castigos a educadora católica Consuelo Canchez Buchon aconselha, como solução mais prática e mais segura, a *disciplina preventiva*. Era o sistema adotado por São João Bosco. A disciplina *repressiva* não é aconselhável.

> "A função da *disciplina preventiva*, como o seu próprio nome indica, consiste em pôr o educando em condições tais que lhe seja mais difícil desviar-se que conduzir-se bem. Podemos dizer que é função essencial de tôda disciplina, e que a diretiva e a repressiva se devem orientar para êsse fim, já que a disciplina preventiva trata de evitar as perturbações, afastando obstáculos, reforçando os meios, fortificando a vontade do discípulo etc.".

Apesar de todos êsses ensinamentos e advertências a disciplina repressiva ainda é adotada, com freqüência, em muitos estabelecimentos religiosos.

Ao visitarmos, certa vez, um grande Colégio Católico, de Poços de Caldas (MG), vimos quatro adolescentes de "castigo", no recreio. Estavam de pé, junto ao muro, de costas para os colegas que brincavam. Os quatro *condenados* eram obrigados a manter o rosto, isto é, a ponta do nariz, encostada no paredão.

Os professôres dêsse Colégio são dedicados seguidores da obra de São João Bosco.

(8) Cf. MARIO SETTE-ARRUAR *História Pitoresca do Recife Antigo*, Rio, 2.ª ed., pág. 291.

CAPÍTULO XXIX

DOIS PESOS E DUAS MEDIDAS

O P.M.P. é fraco diante dos alunos de pais influentes e severo com os desamparados de tôda proteção.

Os alunos percebem as injustiças praticadas com freqüência pelo P.M.P.

E' todo cheio de atenções para um aluno cujo pai é general, banqueiro ou ministro. E' ríspido e grosseiro com os que são de origem modesta.

O Prof. Luciano Lopes reconhece que, em certos casos, o professor é levado a praticar injustiça ao julgar os seus alunos. E escreve em seu livro *O Professor Ideal* (pág. 60):

> "Como ser humano, sujeito a fraquezas, o professor pode deixar-se levar da excessiva simpatia por alguns alunos, cumulando-os de atenções e até de proteção mais ou menos escandalosa; pode, ao invés, ser tomado de antipatia para com outros alunos, com os quais usa de rigor excessivo e até de perseguição.
>
> A injustiça pode produzir ressentimento que há de perturbar a vida do aluno pelo resto de sua existência".

Mas há, nesse capítulo das injustiças, episódios revoltantes. O Comandante Hélio Leite, quando vice-diretor da Escola

Naval, referiu-se a um antigo catedrático de Geometria Descritiva daquele notável estabelecimento militar de ensino.

Êsse catedrático (chamava-se Prof. Sussekind) ao julgar as provas finais dos aspirantes tinha um critério muito singular — contou-nos o Comandante Hélio Leite.

Durante o julgamento chamava um aluno, mostrava a êsse aluno a prova, ou melhor, a épura que o aluno havia feito, e dizia com a maior franqueza:

— O seu trabalho está bom; está mesmo bem feito. A solução está certa. Você merecia, sem favor algum, grau sete. Mas como eu sou inimigo pessoal de seu pai, vou lhe dar grau um. Vou reprová-lo.

E reprovava o infeliz aspirante.

Outro aluno, com trabalho idêntico ou pior, era aprovado com plenamente oito. Era filho de um almirante, amigo do Dr. Sussekind. (1)

Os julgamentos dêsse professor tornaram-se famosos na antiga Escola Naval.

Adotava o Prof. Sussekind o critério matemático indicado, em versos, pelo Sr. Domingos Carvalho da Silva:

Cinco mais quatro são sete
Cinco mais quatro são oito (2).

(1) Em certos casos as razões alegadas pelo Dr. Sussekind eram mais graves. Recebia a prova do aspirante, olhava para o traçado da épura, verificava que tudo estava certo e emitia o seu parecer, com a maior rudeza:
— Boa prova. Merece grau sete. Mas eu não vou com a sua cara. Acho você muito antipático. Vou dar grau dois nesta prova.
E reprovava o rapaz!
(Depoimento do Comte. Hélio Leite, vice-diretor da Escola Naval).

(2) Cf. DOMINGOS CARVALHO DA SILVA, *Poesias Escolhidas*, pág. 30.

CAPÍTULO XXX

DISPLICÊNCIA ABSOLUTA DO P.M.P.

O P.M.P. zomba de todos os colegas que tomam a sério a tarefa de educar e ensinar; zomba dos que procuram melhorar seus métodos de ensino; zomba das recomendações do diretor; zomba dos que acreditam que a obra educacional possa melhorar o Brasil; zomba de todos que, na escola, procuram cumprir com o dever.

Essa atitude do P.M.P. é condenável, mas o P.M.P., mesmo advertido de seu mau procedimento, não se corrige. E' imutável.

Citemos um exemplo: Sendo rotineiro e atrasado, o P.M.P. não usa avental. E, por isso, tem sempre uma piadinha cretina quando vê um colega vestir o avental e preparar-se devidamente para o seu trabalho de classe.

E com suas observações, de verdadeiro cafajeste, pretende o P.M.P. salpicar o colega com picuinhas do ridículo.

A advertência do Prof. Imideo Giuseppe Nérici cai impiedosa sôbre o P.M.P. maldizente:

> *É conduta condenável a de ridicularizar colegas, seja por que motivo fôr. Não devem ser feitas referências desairosas a colegas, em classe. Incidentes com colegas não devem ser criticados negativamente junto aos alunos. Isto pode formar um ambiente de "mexericos", do qual os alunos sabem muito bem se aproveitar, jogando um professor contra o outro* (1)

(1) Cf. IMIDEO GIUSEPPE NÉRICI, *Didática Geral*, S. Paulo, pág. 183.

CAPÍTULO XXXI

O P.M.P. E O IMEDIATISMO

O P.M.P. não procura ensinar nem muito menos educar. A sua preocupação única, em certos casos, é preparar o aluno para a prova ou para o exame.

Em certos casos, para atender ao diretor, preocupa-se o P.M.P. com os resultados dos exames.

Ao ensinar um ponto qualquer declara, com muita ênfase:

— Atenção! Isso que eu vou ensinar, agora, vai cair na prova!

Ou ainda:

— Vou ensinar agora a questão *tipo* que vai cair na prova parcial.

O aluno, sob tal orientação, não estuda pelo prazer de estudar; não estuda pelo interêsse de adquirir cultura e preparo para a vida: estuda ùnicamente para a *prova,* para o *exame.* Memoriza uma série de nomes, datas e definições que irão (depois das provas) para o mais completo e total esquecimento. (1)

Êsse deplorável sistema de preparação para exame é adotado nos "cursinhos", que adestram alunos para o exame vestibular. Nesses *cursinhos* a aula é, em geral, ditada, e o professor só ensina aquilo que poderá cair em exame.

(1) A preocupação do exame é um dos mais graves males da nossa escola secundária. Cf. CARLOS FREDERICO MACIEL, *Problemas do Ensino Secundário,* Recife, 1957, pág. 33.

Em muitos casos, um bom professor, ao desenvolver com entusiasmo uma aula bem orientada, é surpreendido com uma pergunta de um aluno:

— Professor, isso que o senhor está ensinando, agora, vai cair na prova?

Explica-se:

O assunto ensinado era interessante, de natureza cultural. O aluno, porém, que já havia sido deseducado pelo imediatismo grosseiro de um P.M.P., habituara-se a só estudar o que *ia cair na prova.* Fora da prova, nada mais podia interessá-lo. O seu objetivo não era aprender para a vida; era tirar a nota para *passar.* Passar e ficar livre daquele colégio, daquela vida, daqueles professôres. (2)

O P.M.P., com sua atitude imediatista, comete um verdadeiro atentado contra a obra educacional da mocidade.

O verdadeiro educador não pode ser um imediatista.

Em quatro ou cinco linhas a Prof.ª Maria Junqueira Schmidt chama a atenção de seus colegas para o idealismo:

> *E nós, educadores, sentimos que o adolescente só se aquieta quando se integra apaixonadamente nos ideais que o levam a entrever a grandeza do seu destino. Com efeito, o adolescente empolga-se por aquêles que cultivam o desejo de aperfeiçoamento* (3).

Ouçamos esta grave advertência de Paul Foulquié:

> *Do ponto de vista intelectual, o essencial não é aprender coisas, mas formar o espírito, aprender a ver, a pesquisar, a pensar, aprender a aprender. Ora, pràticamente, para muitos escolares e estudantes, a preparação de um exame se reduz a armazenar na memória o conteúdo de certo número de manuais*

(2) Não deixa de ser justa a observação do Prof. Irmão Leon, da Congregação dos Maristas: "Adquirimos muitas noções inúteis e adquirimo-las por métodos arrevezados. Ensinar é preparar para os exames e não para a vida". Esta sentença figura no livro *Para Melhor Ensinar,* trad. do Irmão Eugênio Damião.

(3) Cf. MARIA JUNQUEIRA SCHMIDT, *A Orientação Educacional do Adolescentes,* in *Cadernos de Orientação Educacional,* n.º 1, CADES, pág. 26.

> *que irão vender num "sebo" logo após o resultado: ei-los aparelhados para a vida, libertados dos cuidados de instruir-se. Findos os trabalhos forçados de preparação dos concursos, findas as vigílias prolongadas, vai-se poder viver, isto é, divertir-se... ou aborrecer-se* (4).

Êsse lamentável ensino imediatista em nossas escolas sofreu, em 1941, crítica muito adequada do ilustre sociólogo Dunshee de Abranches:

> *A triste verdade é que as crianças saem das escolas primárias abominando as letras. Nos cursos secundários só pensam os estudantes em acabar depressa os mal-alinhavados preparatórios, que lhes abram as portas para as carreiras liberais. Nas faculdades superiores, finalmente, de ano a ano, se vão tornando os diplomas acadêmicos os troféus baratos da incompetência laureada. Não pode haver síntese mais dolorosa, nem mais verdadeira* (5).

Não contente em ser imediatista, o P.M.P. vai além. Quando sente que a turma, por sua culpa, por seu desleixo, não se acha preparada para exame, êle indica e explica as questões que vão cair na prova; mostra, com requintes de puro cinismo, como é possível colar nas provas e ensina a arte de apagar assinaturas alheias para recolocar a própria em trabalhos já aprovados.

O P.M.P. imediatista faz com que os alunos detestem a escola. O certo seria fazer com que brotasse no espírito dos alunos amor pela escola, simpatia pelos mestres. Mais tarde teriam os ex-alunos saudade de seu tempo de estudantes. E a verdade estaria integralmente contida numa encantadora trova da poetisa Lilinha Fernandes:

(4) Cf. PAUL FOULQUIÉ, *As Escolas Novas*, Comp. Editôra Nacional, São Paulo, 1952, págs. 98/99.
(5) Cf. DUNSHEE DE ABRANCHES, pág. 1134 da *Revista Brasileira de Estatística*, Out., 1941.

> *Saem da escola as crianças*
> *felizes, na sua idade:*
> *— Um batalhão de esperanças*
> *marchando para a Saudade* (6).

O imediatismo, no ensino, é um crime que muitos professôres cometem: uns por ignorância, outros por incapacidade moral para o magistério.

"O objetivo constante de todo professor deve ser o de valorizar o aspecto moral do trabalho escolar e induzir o aluno a estudar para satisfazer a necessidade de saber e encontrar prazer nesse trabalho" (7).

O professor sem idealismo — afirmava o Dr. Raul Bittencourt — é um elemento profundamente nocivo à sociedade.

Escreveu o Dr. Nérici:

> "O professor cético não acredita na matéria que leciona e muito menos na Educação. Para êle tudo está fracassado; nada presta e nenhum esfôrço encontra justificativa de sua parte". Cfr. IMIDEO GIUSEPPE NÉRICI, ob. cit. pág. 318.

O P.M.P. sem idealismo, sem capacidade para educar, cria turmas e turmas de jovens desajustados, impudicos, anti-religosos e descarados.

A revelação feita por Gilbert Higuet (ob. cit. pág. 48) é muito grave:

> "Existem escolas em que as alunas não pensam senão em sexo e os alunos, senão em sexo e brigas; e todos odeiam os professôres, a Escola e a Educação".

(6) Cf. LILINHA FERNANDES, *Cantigas que eu só canto*. Com prefácio de Zelkind Piatigorsky, Rio, 1963, pág. 54.
(7) Cf. JÚLIO BRUNO, *Didática Especial de Desenho*, pág. 25.

CAPÍTULO XXXII

MOTIVAÇÃO NULA

O verdadeiro P.M.P. não se interessa em verificar se os alunos estão motivados ou não.

Que se chama *motivação?*

Como definir êsse conceito de emprêgo tão freqüente em Didática?

No livro da Prof.ª Virgínia Côrtes de Lacerda (*Das Unidades Didáticas à Unidade de Vida,* Rio, 1951, pág. 86) encontramos a seguinte definição:

> "Motivação é a ação desenvolvida pelo professor para prover o aluno de motivos impulsòres, criando uma situação que o leve consciente e voluntàriamente a um produto de aprendizagem visto por êle e por êle desejado e realizado. Atrair e manter a atenção, interessar o aluno e fazê-lo viver a matéria de ensino — é, em têrmos concretos, motivar".

Em outra passagem de sua obra (pág. 73) a Sra. Virgínia Côrtes de Lacerda põe em relêvo o importante papel que a motivação desempenha, quando, agindo sôbre o espírito do educando, subordina os interêsses inferiores, aos ideais superiores da vida:

> "Cabe ao professor apresentar, de maneira atraente, aos alunos, as vantagens do conhecimento da matéria que ensina, suas conseqüências benéficas; despertar-lhes a vontade de estudar, fazendo-os compreender a beleza e as vantagens da matéria, pois motivar é, em última análise, despertar e alimentar idéias de cultura, hierarquizar valores, subordinando os interêsses inferiores aos ideais superiores da vida".

O P.M.P. não se preocupa em motivar os alunos, isto é, em despertar nêles a menor parcela de interêsse pela matéria a ser lecionada.

Há um princípio que é apresentado como um verdadeiro postulado de Didática:

Não há aprendizagem sem motivação.

Mas o P.M.P. é de uma ignorância absoluta em Didática. Desconhece inteiramente os recursos a empregar para motivar a classe.

"O adolescente — escreve a Prof.ª Maria Junqueira Schmidt —. Não estuda só com suas faculdades mentais. Estuda com seu corpo que cresce e se transforma, e se agita, e se perturba com os fenômenos misteriosos da puberdade. Estuda com sua sensibilidade, revolucionada com as fantasias dos seus sonhos, com seus anseios de aventura, de glória, de amor! Estuda com seu passado, conflitos de infância que se reavivem na aurora da adolescência. Estuda com seu presente, cheio de ressentimentos, porque não encontra, em geral, a consideração e a compreensão que almeja. Estuda com suas tradições, seu ritmo personalíssimo, suas idiossincrasias, suas respostas emocionais tão várias quanto inconsistentes O fenômeno da preguiça escolar não existe, diz Buck. A fadiga é, quase sempre, fruto do desinterêsse" (1)

Exalta o Prof. Carneiro Leão, o papel do interêsse para a aprendizagem:

(1) Cf. MARIA JUNQUEIRA SCHMIDT, *O Adolescente na Escola,* in *Cadernos de Orientação Educacional,* n.º 17, CADES, M. E. C., pág. 6.

> *E' fácil concluir que o interêsse é tudo. E' êle que provoca o esfôrço criador. E êsse interêsse (nunca é demais repetir) não pode existir senão em correspondência com as necessidades individuais. Se não se ouve o indivíduo, não se perscrutam suas necessidades, suas possibilidades, a educação é inexistente. A imposição que a substitui, ao invés de formar, de constituir, de acomodar, desintegra, desadapta, desajusta.*
>
> *Os planos rígidos de ensino constituem monstruosidades científicas, verdadeiros atentados aos interêsses legítimos da juventude.*
>
> *A escola secundária mais própria será então aquela cuja flexibilidade fôr maior. Quanto mais numerosos planos ela possuir, acordes às capacidades, aos interêsses individuais e às imposições do meio social, mais valioso será seu poder educativo* (2).

Contentam-se alguns professôres, em seu trabalho de classe, com a motivação inicial. A Prof.º Judith Brito de Paiva e Souza estabelece outras exigências didáticas em relação à motivação. E escreve:

> *A motivação não consiste, apenas, num interêsse inicial, que, não raro, é simples curiosidade momentânea. Ela deve trazer em si o necessário impulso, ditado por um interêsse real, que torna motivada tôda a aula. Os processos, técnicos ou recursos didáticos manterão acesa aquela chama que deve animar tôda a atividade; mas não podem ser tomados à conta de fatôres de motivação; seu caráter geral, que lhes permite adaptação a diferentes motivações e a diferentes atividades, corrobora a asserção de que são êles a própria motivação. É por isso que muitas aulas, desenvolvidas através de recomendáveis recursos, técnicos e procedimentos didáticos, não conseguem interessar o aluno por muito tempo; na verdade, a motivação não chegou a criar um estado interior de interêsse* (3).

(2) Cf. A. CARNEIRO LEÃO, *Adolescência e sua Educação*, Comp. Editôra Nacional, S. Paulo, 1950, pág. 197.

(3) Cf. JUDITH BRITO DE PAIVA E SOUZA, *Apostilhas de Didática de Português*, M. E. C., Rio, pág. 52.

Reconhecem os bons didatas que o problema da motivação é, sem dúvida, o problema número um no ciclo docente. Em que consiste a verdadeira motivação? A Prof.ª Irene de Mello Carvalho enfrenta o problema com um brilho e uma segurança invulgares:

> "A verdadeira motivação consiste em demonstrar objetivamente o *valor* do tema da aula para o enriquecimento cultural do aluno, ou a aplicabilidade de tal tema na vida prática. Em muitos casos a aula apresenta êsse duplo valor: teórico e prático. Tais contribuições devem ser captadas pelo estudante, para que efetivamente o impulsionem a realizar o esfôrço implícito em tôda a aprendizagem. É óbvio que o velho chavão: "a aula de hoje é muito importante...", não mais surte efeito.
>
> O mestre tem de demonstrar claramente o porquê de tal valor.
>
> Deverá então reforçar seus argumentos com: exemplos retirados da vida real; citações expressivas; apresentação de objetos, fotografias, gravuras, filmes, etc. que ilustrem bem o que se quer comunicar; propor trabalhos de aplicação, e assim por diante.
>
> Não são, porém, êsses recursos secundários o ponto básico da motivação, e sim a idéia que os anima e, sobretudo, a pessoa que transmite tais idéias. Dai o papel preponderante da personalidade docente na motivação da aprendizagem.
>
> O prestígio do mestre, o valor que se atribui à sua cultura, a fé que merecem suas afirmações, de um lado; e, de outro, a fôrça que comunica aos argumentos, e o próprio valor daqueles argumentos é que constituem a autêntica tessitura da motivação (4).

Exerce o professor grande influência sôbre seus alunos, tanto pelo saber como por suas atitudes. Sua atuação será mais eficaz se usar para atingir o máximo da ação motivadora, ma-

(4) Cf. *Curso de Técnica de Ensino para Docentes das Escolas Superiores* (sob os auspícios da CADES). Apostilha, 1958.

terial de ensino adequado, tanto à classe como à matéria de ensino [5].

A motivação exige o concurso da atenção, do esfôrço, da auto-disciplina, da fôrça de vontade, do interêsse, etc. [6]

NOTA 1 — Não deve o mestre forçar a atenção do aluno pela imposição ou mesmo, exasperação, mas pelo interêsse que deve despertar a matéria a desenvolver.

Uma tonalidade de voz mais suave, uma anedota ocasional, uma referência a um fato que seja do conhecimento geral, são recursos que, com mínimo de esfôrço, dão ótimos resultados para atrair a atenção da classe. Para ser professor é preciso ser professor sob todos os ângulos; é preciso possuir conhecimentos, e também conhecer a arte de transmitir com eficiência êsses conhecimentos.

O aluno deve se manter atento à palavra do mestre pelo interêsse que essa palavra desperta e não pelo temor que a presença do mestre possa inspirar. Cf. CELY ARAUJO e CECY P. DOMNELLI, *R.E.*, maio, 1952, pág. 40.

NOTA 2 — Eis três interessantes conceitos sôbre motivação:

— Qualquer motivação, mesmo a negativa, é preferível ao regime da nenhuma motivação (Luiz Alves de Mattos).

— Há sempre motivos, em estados latente, na alma do educando. A tarefa do bom professor será descobrir êsses motivos, avivá-los, dirigí-los e aproveitá-los com maior eficiência (Jamil El-Jaick).

— O fator mais importante da motivação: O Professor (O. A. Penteado Júnior).

(5) Convém ler o artigo da Professôra Maria Nadyr de Freitas, *E. S.*, n.º 15, pág. 4.

(6) Cf. NAZARETH SUTINGA, *Psicologia da Aprendizagem*, Rio, 1964, pág. 92.

CAPÍTULO XXXIII

FUMAR EM AULA

O P.M.P. sente prazer em fumar em aula diante dos alunos.

Essa questão do professor fumar, ou não fumar, tem sido largamente debatida nos meios educacionais. Para aquêles que colocam a educação dos adolescentes abaixo da instrução, é claro que o professor terá ampla liberdade de acender o seu cigarro, ou saborear o seu charuto, diante dos educandos, com a maior desfaçatez do mundo.

Acham alguns que a proibição do fumar só deve atingir os professôres dos Cursos Primário e Médio; nos Cursos Superiores a liberdade de fumar seria completa, não só para os professôres como para os alunos. Há professôres catedráticos que fazem as suas eruditas preleções de cachimbo na bôca [1].

Nesse ponto sentimos discordar integralmente da opinião dos mestres rotineiros e deseducadores. Somos apologistas da proibição radical: O professor, sendo antes de tudo um educa-

(1) Para muitas pessoas o fumar constitui um hábito. Há fumantes que fumam, inconscientemente, sem parar. Que é um hábito? Ensina a Professôra Iva Waisberg (*Elementos de Psicologia*, 1956, 2.ª ed., pág. 48): "O hábito é uma reação automática adquirida e estereotipada pelas repetições de situações idênticas com reforçamento da mesma sêde de integração nervosa". Mas o fumar, mesmo sendo um hábito, é mau; cumpre ao bom educador corrigir-se dêsse mau hábito.

dor, não deverá, em caso algum, praticar a ação desprezível de fumar diante de seus alunos e não deverá permitir, sob pretexto algum, que os alunos fumem durante os cinqüenta minutos da aula.

Se um desbriado P.M.P., no Curso Médio, fuma em aula é porque o diretor, não sendo um educador modelar, permite que seu auxiliar tenha, na presença da turma, êsse procedimento incorreto.

O fumar, em aula, é atitude de verdadeiro desrespeito, de absoluta irreverência à função. Pode ser muito elegante, bossa-nova, mas foge aos ditames da boa educação. Negar essa assertiva seria prova, não de candura, mas de integral parvoice. Pode ser cômoda e agradável para o fumante, mas não é correto, nem admissível, dentro dos princípios da Ética Profissional do Professor.

Êsse mesmo P.M.P. displicente, que não trepida em fumar no decorrer de sua aula, na presença até do diretor, seria incapaz de acender o seu cigarro, e soltar algumas baforadas, dentro de uma igreja, durante a Santa Missa. Êle sabe muito bem que os católicos presentes não tolerariam aquela atitude de achincalhe do desclassificado cafajeste. O fumante seria expulso do recinto sagrado e correria o risco de receber o merecido castigo físico, alguns trancos e bofetões.

Qual o motivo da expulsão?

Não há outro: O ato desrespeitoso de fumar.

Sabemos que em muitos carros, ônibus, elevadores, cinemas e em várias cerimônias ou solenidades cívicas o fumar é totalmente vedado. Por que não estender essa proibição moralizadora à sala de aula?

O diretor de um ginásio, eversivo das normas educacionais, que permite ao P.M.P. fumar, com total descaramento, diante dos adolescentes, não será, com certeza, um *Perfeito Bom Diretor*. Sem receio de errar podemos apontá-lo como um *Perfeito Mau Diretor*.

Em Uberaba, durante um Curso da CADES [2], sob a nossa orientação foi designado para lecionar *Português* um catedrático, auto-didata, sem concurso, da Faculdade de Filosofia daquela próspera cidade mineira. Professor com trinta anos de rotina e meio século de atraso em Didática, êsse catedrático tinha atitudes deploráveis:

1) Lecionava pelo método da preleção simples, sem visualização no quadro-negro (pura salivação);
2) Dava aula sentado (um aluno escrevia no quadro-negro);
3) Achava que, para êle (catedrático), seria uma indignidade o uso do avental;
4) Fumava, durante a aula, diante dos alunos-mestres.

Em prévio encontro com êsse eminente colega, fizemos sentir, com argumentos irrespondíveis, que o seu procedimento didático (digno de um P.M.P.) era totalmente errado, e pedimos que o ilustre filólogo uberabense, durante o curso da CADES, sob a nossa orientação, não adotasse os métodos obsoletos e anti-didáticos que êle punha em prática com tanto *brilho* na Faculdade de Filosofia. Fizemos sentir que êle se abstivesse de fumar diante dos alunos-mestres (explicamos os motivos). E' claro que batido o sinal, terminada a aula, o erudito mestre iria para a sala dos professôres e ali, em companhia dos colegas, refestelado numa poltrona, depois do clássico *cafèzinho*, poderia fumar, à vontade, vinte cigarros e dez charutos. O orientador nada teria a ver com isso.

Durante a aula, porém, declaramos, o fumar não seria permitido. Aconselhamos, também, que adotasse, no ensino, o método eclético, com visualização no quadro-negro. Nada de dar aula sentado com aluno auxiliar no quadro-negro! Êsse método é obsoleto, condenado pelos bons didatas.

Prometeu o insígne mestre da Filosofia que não deixaria de atender às nossas justas e razoáveis recomendações. Só não concordava (declarou logo), com o uso do avental, pois êle

(2) Campanha de Aperfeiçoamento e Difusão do Ensino Secundário.

era professor há mais de trinta anos e nunca havia dado aula de avental. Achava feio e deselegante. Principalmente deselegante. (O preclaríssimo filólogo tinha em muita conta a sua linha impecável de cinqüentão enxuto!).

Um dia, porém, sem que o conspícuo filólogo uberabense esperasse, fomos observá-lo em trabalho de classe, e tivemos o desprazer de surpreendê-lo dando aula sentado, com o cigarro aceso na bôca e um aluno-mestre, no quadro-negro, escrevendo frases. Era assim que êle estava habituado a lecionar os adolescentes da Faculdade de Filosofia. O flagrante deixou-o perturbado. A sua vergonhosa quebra de Ética era evidente. O insígne auto-didata, num gesto rápido, tirou o cigarro da bôca e escondeu-o na gaveta da mesa e levantou-se. Teve a mesma atitude pueril, que teria um adolescente, imaturo, ao ser apanhado em falta pelo inspetor escolar.

Nesse mesmo dia lavramos a demissão do erradíssimo catedrático que não mais trabalhou na CADES, sob nossa orientação.

E' muito difícil, ou quase impossível, vencer a rotina.

Citemos, a tal respeito, um fato muito curioso.

No dia 7 de maio de 1965, fomos ao Externato do Colégio Pedro II à noite, assistir a uma conferência do Prof. Newton Sucupira, da Faculdade de Filosofia do Recife [3]. O tema da conferência envolvia os problemas fundamentais da Educação. Ao passar por uma das salas do venerando colégio, sala tôda iluminada, na qual se achava uma turma de adolescentes em aula, vimos uma cena surpreendente:

Um professor dava aula, ou melhor julgava ensinar e educar os jovens, da seguinte maneira:

1) estava sentado, na cátedra, com a perna direita dobrada e o joelho levantado e apoiado na mesa;

(3) A conferência do ilustre catedrático pernambucano foi lida, numa toada monótona, do princípio ao fim. Ao deixarmos o salão de honra, ouvimos um catedrático do Colégio Pedro II comentar: — "Conferência lida? É incrível! Êsse homem ainda está no período paleolítico da conferência lida! Êle não sente, não percebe, que isso é chatíssimo!"

Mas, ao terminar a tal conferência (lida), o orador foi altamente elogiado pelo Dr. Wandick da Nóbrega, Diretor do Pedro II.

2) estava de mangas de camisa (a camisa sujíssima);
3) tinha um cigarro na bôca;
4) ditava aos alunos, a matéria da aula, lendo um livro;
5) não dava a menor atenção aos educandos;
6) agia contra todos os preceitos da Didática e da Ética Profissional do Professor.

No fundo da sala, jovens adolescentes (môças e rapazes) inteiramente indiferentes aos "elevados" ensinamentos ditados pelo *mestre*, namoravam descaradamente. Alguns pares estavam de mãos dadas e trocavam as mais ternas e encantadoras juras de amor. De amor eterno, é claro!

Êsse fato foi observado no Externato do Colégio Pedro II, que é, aliás, apontado como um *Colégio Padrão*, o estabelecimento que, na obra educacional, deve servir de exemplo a todos os educandários do Brasil.

Observa a Prof.ª Juracy Silveira, ao analisar a obra nefasta dos rotineiros:

> "Ensina-se como se vem fazendo há muito tempo. Ensina-se como se aprendeu ou como se supõe que se tenha aprendido" [4].

(4) Cf. JURACY SILVEIRA, *A Leitura na Escola Primária*. Com prefácio do Prof. Lourenço Filho, Rio, 1960, pág. 33.

CAPÍTULO XXXIV

O P.M.P. E O ENSINO SUPERIOR

Onde podemos encontrar grande número de autênticos P. M. Ps. é nas escolas superiores e, especialmente, nas Faculdades de Filosofia.

Tomemos, por exemplo, o caso de um médico.

Para exercer a sua profissão de médico, o Ministério da Saúde obriga-o a tirar o Curso de Medicina. Êsse médico ingressa depois, na Congregação da Faculdade de Medicina, passa a ser um professor, um catedrático, e entra a exercer o magistério sem estudar as noções mais elementares de Didática.

O Ministério da Educação deixa-o exercer um cargo técnico (o de professor) para o qual êle (o médico) não se habilitou. Êle vai ensinar o que aprendeu de acôrdo com os métodos mais rotineiros, isto é, como aprendeu.

O que dissemos, em relação ao médico, poderíamos repetir, *mutatis mutandis*, em relação aos engenheiros, aos bacharéis em Direito, aos químicos, aos farmacêuticos, etc.

O Prof. Everardo Backheuser (que foi um auto-didata) observa:

> *Apenas para o professor superior não se exige, no Brasil, preparo pedagógico especializado. Requerem-se, tão sòmente conhecimentos profundos da matéria a cujo lecionamento os candidatos se propõem, e, quando muito se lhes pede no concurso de provas, uma preleção sôbre ponto sorteado, a que dão o nome de prova didática. Cifra-se a essa "prova didática", a uma preleção, a que uns regulamentos concedem 24 horas de preparo prévio e outros exigem seja realizada imediatamente após o sorteio do ponto* (1).

Assegura o Dr. Backheuser que para o ingresso no Magistério Superior é exigida do candidato uma prova a que dão o nome de *prova didática*. Essa tal prova didática, nos concursos para ingresso no magistério, é uma *vergonha*, um verdadeiro escárneo assacado impunemente contra a Didática.

Na nossa opinião, essa pseudo-prova didática devia ser chamada "prova de preleção" ou "prova de exposição" ou ainda, "prova de erudição". Mas nunca *prova didática*, pois de Didática não apresenta nem o mais leve traço.

Já tivemos ocasião de assistir a dezenas de *provas didáticas* em várias Faculdades e no Colégio Pedro II, e tôdas elas eram vergonhosamente *anti-didáticas*.

Na Faculdade Nacional de Filosofia, fomos, certa vez, convidados a assistir a prova didática de um concurso para catedrático.

O candidato ao desenvolver o ponto, sorteado com vinte e quatro horas de antecedência, apresentou uma aula, pelo método da preleção simples, com visualização no quadro-negro. (Meio século de atraso em Didática) Cometeu, no decorrer dos cinqüenta minutos, erros gravíssimos de Didática — erros que o Prof. Luís Alves de Matos considera imperdoáveis.

Um colega, que estava a nosso lado, acompanhando a chatíssima preleção, perguntou-nos em voz baixa:

— Que nota o senhor, como professor de Didática, daria a êsse candidato?

Respondemos:

— De acôrdo com os ensinamentos de Lourenço Filho, Fernando Azevedo, Luís Alves de Matos, Imideo Giuseppe Né-

(1) Cf. EVERARDO BACKHEUSER, *O Professor*, Rio, 1946, pág. 28.

rici, Rafael Grisi, Teobaldo Miranda Santos, e outros luminares da Didática, êsse candidato deveria ter, no máximo, grau quatro e meio nessa prova, sendo oito em conteúdo e um em Didática. A média final é quatro e meio. Não pode ser outra. Êsse candidato deve ser reprovado em Didática.

Pois bem, ao terminar a prova, o secretário escreveu o resultado no quadro-negro.

Ficamos, realmente, assombrados!

O candidato, na deplorável prova de Didática, havia tirado grau dez unânime da banca examinadora! A tal banca examinadora era constituída por cinco catedráticos que nunca haviam ouvido falar em Didática, mas que se julgavam competentes para avaliar do mérito de uma *prova didática*. Cinco nulos, em Didática, julgando um *nulíssimo*.

E com aquela nota dez (em Didática negativa) o Perfeito Mau Professor ingressou na Colenda Congregação da Faculdade Nacional de Filosofia. Que futuros mestres poderá êle formar?

"Dir-se-á — acrescenta o Prof. Backheuser — que, apesar dessa carência de noções de Pedagogia, há excelentes professôres no ensino universitário. Sem dúvida. Aos dotados de ótimos índices vocacionais, isso acontece, mas não é lícito argumentar com as excessões" (2).

O Prof. Backheuser também ingressou no Magistério Superior sem saber coisa alguma de didática. Estudou e tornou-se, mais tarde, um excelente professor.

Em muitas de nossas Escolas Superiores (oficiais) e no Colégio Pedro II, a situação do professor muda bastante depois do concurso. O candidato obtém a cátedra e é efetivado, e a partir do decreto que o efetivou, deixa de dar aula. Encarrega dessa delicada tarefa os seus assistentes e vai tratar da sua vida. A cátedra, para êle, é um *"bico"*.

Sob o título Vitaliciedade de Cátedra, publicou o *Diário de Notícias* (em 18-3-64), um artigo do qual destacamos o seguinte trecho:

(2) Cf. EVERARDO BACKHEUSER, *O Professor*, Rio, 1946, pág. 31.

> "Catedráticos há, e em quantidade apreciável, que, na condição de aspirantes a ela, tudo fizeram para obtê-la, valendo-se de recursos de todo incompatíveis com o decôro magisterial e a dignidade do indivíduo. Obtida a cátedra, de pronto dela se esqueceram, isto é: jamais atuaram em prol do discipulado, da pesquisa, da técnica, do progresso, enfim, da sua disciplina. Por êles dão aulas esforçados assistentes anônimos, mal pagos. Poderíamos nomear, se fôsse o caso, professôres que, obtida a cátedra, nunca, mas nunca lecionaram, ocupando indevidamente o lugar e impedindo com a sua presença decorativa o desenvolvimento do ensino. Até no mais velho educandário federal no Rio os há, aboletados no cargo simbòlicamente e ocupando-se de outros misteres rendosos em diferentes setôres públicos e particulares" (3).

Poderíamos apontar várias escolas superiores, onde há muitos catedráticos que os próprios estudantes desconhecem inteiramente, pois nunca foram vistos pela turma. O ensino, em muitas cadeiras (como já dissemos), é feito, exclusivamente, pelos assistentes.

A nossa conclusão é a seguinte:

A prova de Didática nos concursos para catedráticos nas escolas superiores, não passa de uma blague, de uma *escandalosa* mentira atirada contra o renome da Pedagogia.

E, como escreveu o filólogo paulista, B. Sampaio: *"Mentira, é mentira com tôdas as letras — sete — que é conta de mentiroso"* (4).

Nota — A revista N. S. (*Nosso Século*) publicou um artigo do Sr. M. F. do Nascimento Brito, sob o título "Viajei pela Rússia", no qual o autor estabelece paralelo, profundamente chocante, entre o ensino universitário na URSS e o "deplorável" ensino universitário no Brasil.

(3) Refere-se, como é evidente, ao Colégio Pedro II. Nesse Colégio os catedráticos, em geral, não dão aulas.

(4) Cf. B. SAMPAIO, *Polêmica Alegre de Gramática*, S. Paulo, 1944, pág. 106.

Escreve o Sr. Nascimento Brito: "A Universidade de Moscou é infinitamente superior a essa frágil e infeliz Universidade do Brasil, que não chega a ser uma Universidade, porque está fora da realidade brasileira, porque os seus responsáveis estão atentos, apenas, às posições que ocupam e à satisfação de suas vaidades pessoais, porque os responsáveis estão superados pelos próprios estudantes".

E o colaborador de *N. S.* acrescenta:

"Há, realmente, na URSS um sistema universitário. Há seriedade no comando universitário e os estudantes realmente estudam, pois conforme textualmente declarou-me o Vice-Reitor que nos recebeu, *na União Soviética estudante tem de estudar*".

E na sua crítica profundamente pessimista em relação ao Brasil, o Sr. Nascimento Brito chama a atenção para a incapacidade do nosso professorado:

"Nas grandes democracias ocidentais a Universidade também é coisa séria e das mais sérias para o govêrno e para o povo. Por isso é que na URSS o brasileiro é inevitàvelmente assaltado por um sentimento que não tem nome, lembrando-se que o ensino universitário no Brasil é o produto desastrado de uma burocracia inepta, da incompetência de professôres em grande parte relapsos e desinteressados e por que não dizer, até gente de honestidade duvidosa".

Chamamos a atenção dos nossos educadores para os conceitos formulados pelo colaborador da revista *N. S.*, em relação aos catedráticos das escolas superiores do Brasil:

> *Incompetentes.*
> Relapsos.
> Desinteressados.
> E gente de honestidade duvidosa.

As acusações gravíssimas foram feitas. O Conselho Universitário não deu a menor importância. A desatenção pelas coisas sérias, em nosso país, é completa.

CAPÍTULO XXXV

A OBRA PERNICIOSA DO P.M.P.

Com a sua atitude anti-didática e deseducativa, por vêzes aviltante, o P.M.P. é um criador do tipo que denominamos "o mau aluno".

Sob a ação do P.M.P., o adolescente que entra, cheio de ânimo, para o colégio, perde, inteiramente, o entusiasmo pelo estudo, pelos trabalhos escolares, e torna-se radicalmente desinteressado pelas coisas do saber.

O mau aluno com o caráter desintegrado, com a máscara do cinismo, é sempre obra de um P.M.P.

O dano causado à Sociedade, nesse sentido, pelo P.M.P. é incalculável.

São bastante expressivas as palavras da Prof.ª Maria Junqueira Schmidt:

> *O mau aluno é um frustrado. Mais do que isso. É um humilhado, um envenenado, um marginal, ironizado pelo professor, desvalorizado pelo colega, reprimido pela família. Quanto sofrimento na alma do reprovado! O mau aluno é candidato às aventuras dos bandos de desordeiros. Será também, quantas vêzes, o mau profissional, o mau cidadão. Enquanto se revolta contra a nota baixa, pede revisão de prova, protesta contra supostas injustiças, há esperança de*

recuperação. Mas, ai do conformista! Tenhamos mêdo da máscara do cinismo que encobre a amargura da insatisfação, a tragédia da insegurança!

O insucesso repetido traz deformação mental e desintegra o caráter. A plasticidade do jovem é grande, mas tem seus limites (1).

Pela sua ação perniciosa o mau professor afasta o aluno da escola. E o papel que a escola desempenha, na vida de uma nação, é de um valor incalculável. Meditemos sôbre estas palavras de Fernando Azevedo:

"Se a escola, por si, não faz a nação, ela não serve, apenas, para aumentar a riqueza material e moral do país e despertar a consciência nacional, mas também para unir, como um poderoso foco de assimilação, em que as diversas classes de populações vêm atenuar ou dissolver as suas diferenças. E' por ela — se não perdeu a consciência do seu papel nacional — é sobretudo por ela que se guardam as tradições morais, a música e as canções que são transmitidas de uma geração a outra e em que palpita a alma de um povo; é por ela que se mantém a continuidade de tradição, na história viva de todos os acontecimentos de nosso passado que faz a fôrça nacional e na curva de cuja evolução se podem encontrar as diretrizes de uma política verdadeiramente nacional; é por ela, sobretudo, que o Estado pode edificar, em bases cada vez mais sólidas, a consciência comum da nação, fazendo concordar a voz da escola com a voz da Pátria e preparando-nos para justificar as palavras de MAZZINI: "um povo que guarda as lembranças, a esperança e a fé, dorme o sono do leão" (2).

E escreveu Jorge de Lima, o grande poeta alagoano:

— *E tais coisas não há quem as defina* (3).

---

(1) Cf. MARIA JUNQUEIRA SCHMIDT, *O Adolescente na Escola*, in *Cadernos de Orientação Educacional*, n.º 17, CADES, M. E. C., págs. 8/9.

(2) Cf. FERNANDO AZEVEDO, *A Unidade Nacional e a Educação*, in *Revista Brasileira de Estatística*, Out., 1941, pág. 879.

(3) Cf. JORGE DE LIMA, *Invenção de Orfeu*, com prefácio de João Gaspar Simões, Rio, 1952, pág. 186.

ÍNDICE DE AUTÔRES, PROFESSÔRES, POETAS E EDUCADORES CITADOS

(Os números indicam as páginas)

ABOUD (Ahmed), 54.
ABRANCHES (Dunche de), 104.
ABU-MERHY (Nair Fortes), 65.
ADELINO (Mons. José), 14.
AGOSTINHO (Santo), 17.
ALBUQUERQUE (Medeiros E), 57.
ALCANTARA (Sônia Maria da Rocha), 94
ALENCAR (José de), 96, 97.
ALIGHIERI (Dante), 38.
ALMEIDA (Manuel Antonio de), 97.
ALMEIDA (Prisciliana Duarte de), 52.
ALVARENGA (Plínio), 15.
ALVES (Castro), 37, 79.
AMADO (Gildásio), 9.
AMORIM (Arlete Leão do), 94.
ANISIO (Mons. Pedro), 81.
ARAUJO (Celv), 110.
ARAUJO FILHO, 79.
ARCHÊRO JÚNIOR (Aquilles), 80, 81.
ATHAYDE (Tristão de), 11, 13.
AZEVEDO (Fernado), 122.
AZEVEDO FILHO (Leodegário Amarante), 51.
BACKMEUSER (Everardo), 29, 30, 116; 117.
BARBOSA (Ruy), 14, 39, 79.
BASTOS (Moura), 46.
BAUZER (Riva), 75, 76.
BELO (Belinha), 34.
BERNARDES (Florestan), 76.
BILAC (Olavo), 79.
BITTENCOURT (Raul), 105.
BONAPACE (Adolphina Portela), 37.
BOSCO (São João), 98.
BRASIL (Leão Magno), 55.
BRIQUET (Raul), 43, 63.
BRITO (Mario), 35.
BRITO (M. F. do Nascimento), 119, 120.
BRUNO (Júlio), 55, 105.
BUCHON (Consuelo Sanchez), 93, 94, 98.
BUCK, 107.
BUENO (Silveira), 47.
BUJANO, S. J. (J.), 54.
CABRAL (Veiga), 22.
CAMPOS (Antônio Caetano de), 41
CAMPOS (Humberto de), 41.
CARDOSO (Ofelia Boisson), 15, 96.
CARNEGIE (Andrew), 7.
CARVALHO (Irene de Mello), 21, 23, 24, 77 78 108.
CARVALHO (Thales Mello) 20.
CASCUDO (Luiz da Câmara), 14.
CASTRO (Gentil Bernardo de), 85.
CAVALCANTI (Djalma), 76.
CAVALCANTE (Mario), 14.
COHEN (A.), 54.
COMÊNIUS (João Amós), 22, 65.
COSTA (Henrique Cesar de Oliveira), 72.
COUTO (Miguel), 16.
CUNHA (Euclides da), 37, 66, 79.

DAMIÃO (Irmão Eugênio) 103.
D'AVILA (Antônio).
DEWEY (John), 49.
DITTES, 95.
DOMINE, 17, 18.
DOMNELLI (Cecy), 110.
DOTTRENS (R.), 13.
EBERT (Albert), 40.
EL-JAICK (Jamil), 110.
FERNANDES (Aparício), 47.
FERNANDES (Lilinha), 104, 105.
FERNANDES (Francisco), 22.
FERREIRA (Januário Mateus), 96, 97.
FONSECA (Jaime B. Vieira da), 22.
FONTOURA (Amaral), 69, 70.
FOULQUIÉ (Paul), 103, 104.
FRANCA, S. J. (Padre Leonel), 15, 23.
FRANCE (Anatole), 9.
FREIRE (Laudelino), 12.
FREITAS (Maria Valdyr de), 110.
FRIEIRO (Eduardo), 12.
FROEBEL.
GABAGLIA (Fernando Raja), 28.
GALANTE (Carlos), 42.
GERANDO (Barão de), 39.
GHIKA (Wladimir), 14.
GIRÃO (Eduardo), 14.
GOMES (Giselda Guimarães), 50.
GRISI (Rafael), 24, 82, 86, 87; 118.
HERMANNS (William), 78, 84.
HUGHET (Gilbert), 142, 85, 105.
HUGO (Victor), 18.
HOLANDA (Aurelio Buarque de), 11.
HORTA (Brant), 64.
JORGE (J. G. de Araujo), 43.
JOTHA (Zelio dos Santos), 13.
KERSCHENSTEIN (Georg), 9.
LACERDA (Virginia Côrtes de), 25, 106, 107.
LEÃO (Carneiro), 107.
LEITE (Helio), 99, 100.
LEME (Pascoal), 62.
LEON (Irmão), 29, 103.
LESEUR (Elizabeth), 15.
LIMA (Jorge de), 79, 122.
LIMA (Lauro de Oliveira), 20, 25, 61, 62, 69.
LISBOA (Almeida), 27.
LOPES (Luciano), 40, 68, 99.
LOURENÇO FILHO, 115, 117.
MACIEL (Carlos Frederico), 102.
MAGALHÃES (Fernando), 15, 16.
MANUEL (José), 91.
MARTHA (Nancy Guahyba), 52.
MARTI (José), 16.
MARTINI (Maria de Lourdes C.), 21.
MATOS (Luís Alves de), 21, 24, 44, 45, 59, 60, 61, 80, 88; 110; 117.
MAZZINI (Giuseppe), 122.
MELLO (Farias), 67.
MELLO (M. Rolrigues de), 95, 96.
MENDES (Raimundo Teixeira), 63.
MENEZES (Cinira Miranda), 23.
MEYER, O. F. M. (Gil), 15.
MICHAELIS (Faris Antonio S.), 79.
MICHELET (Jules), 16, 40.
MILANO (Miguel), 39.
MINNUCCI (Sud), 18.
MORALES (Aurelio), 87.
MOURA (Paulo Cavalcanti C.), 83.
NASCENTES (Antenor), 54.
NEI (Apula), 41.
NELSON (Horacio), 20.
NÉRICI (Imideo Giuseppe), 29, 32, 33, 50, 51, 64, 68; 91, 101, 105, 117.
NEVES (Clarice Lourdes das), 19.
NOBREGA (Wandick da), 114.
NOGUEIRA (Hamilton), 65.
OBERG (Lamartine), 27.
OLIVEIRA, S. J. (Dionisio de), 54.
ORBILIO (Pupilio), 95.
OTÁVIO (Luís), 43.
PADILHA (Fernando), 46.
PEIXOTO (Afrânio), 95.
PENTEADO JUNIOR (O. A.), 110.
PEREIRA (Abel), 15.
PEREIRA (Eduardo Carlos).
PIATIGORSKI (Zelkind).
PINTO (Paulo Emílio), 47.
PINTO (Pedro Augusto), 58.
POINCARÉ (Henri), 18.
PRETA (Stanislaw Ponte), 20.
PUPO (João J. de Sales), 92.
RODRIGUES (Nina), 79.
ROMERO (Silvio), 79.
ROVAI (Alberto), 39.
ROXO (Euclides), 27.
SABINA (Maria), 62.
SALGADO FILHO, 65.
SALTIEL (Maria Emilia Alves), 70.
SAMPAIO (B.), 119.
SAMPAIO (Clemem Barreto), 41.
SANGIORGI (Oswaldo), 42.
SANTOS (Hemeterio dos), 63.
SANTOS (Teobaldo Miranda), 81, 92, 118.
SCHMIDT (Maria Junqueira), 103, 107, 121, 122.
SCHNEIDER (Eliezer), 94.
SCHOPENHAUER, 95.
SERRALVO SOBRINHO (Antonio), 13.
SETTE (Mario), 97, 98.
SHAKESPEARE, 9.
SILVA (Antônio Salles da), 65.
SILVA (Benedito Raimundo da), 72.
SILVA (Domingos Carvalho da), 100.
SILVEIRA (Juracy), 115.
SIMÕES (João Gaspar), 122.
SOARES (Maria Ferri), 51.
SILVA (Maria Lúcia do Eirado), 19.
SOUZA, C. SS. R. (Geraldo Pinto de), 13.
SOUZA (José Carlos de Mello e), 9.
SOUZA (Judith Brito de Paiva e), 108.
SOUZA (Paulo José Soares de).
SPALDING.
SUCUPIRA (Newton), 114.
SUTINGA (Nazareth), 110.
TALES DE MILETO, 8.
TAPAJÓS (Vicente), 46, 47.
TAVARES (Adelmar), 43.
TEIXEIRA (Helio C.), 15.
TEIXEIRA (Maria Helena Prestes Barra), 76.
TELLES (Itacy de Souza), 3, 55.
THIBON (Gustave).
THIERS (Adolphe), 15.
TOURINHÓ (Adolfo), 28.
TREZZA (Carlos A.), 14.
VASCONCELOS (Itamar de Abreu), 9.
VEIGA (Maria Ferri Soares da), 84, 85.
VIANA (Mario Gonçalves), 40, 93.
VIANA (Oliveira), 79.
VIEIRA (Maria Lacerda), 94.
WAISBERG (Iva), 111.

ÍNDICE GERAL

Dedicatória 9
Ao leitor 7
Êste livro e a Verdade 11
Conceitos e afirmações 13

I — A arte de ser um P.M.P. e a sua origem 17
II — A Improvisação e o ensino do P.M.P. 19
III — O Professor e o roteiro da aula 23
IV — O P.M.P. e as relações sociais 26
V — Assiduidade e pontualidade 28
VI — A atividade improdutiva do Mau Professor 31
VII — Programa incompleto da matéria 35
VIII — O Mau Professor e a correlação entre as matérias 36
IX — O livro-texto e a incultura do P.M.P. 38
X — A cultura geral de um Professor 42
XI — A rotina e o mau Professor 44
XII — A severidade excessiva com os alunos 48
XIII — O desrespeito ao aluno 50
XIV — O nome do aluno 53
XV — Dois extremos deploráveis do P.M.P. 56
XVI — O problema das reprovações 59
XVII — O mau Professor contador de anedotas ... 63
XVIII — O problema dos trajes do Professor 66
XIX — A classe e a vida íntima do Professor 69

XX — O Professor sabatineiro 71
XXI — O desprestígio moral do P.M.P. 75
XXII — O P.M.P. e a crítica motivadora 77
XXIII — O P.M.P. e o problema da disciplina 80
XXIV — A linguagem grosseira do P.M.P. 82
XXV — Pôr o aluno para fora da classe 86
XXVI — Bateu o sinal 88
XXVII — O P.M.P. e a atividade de classe 91
XXVIII — Castigos coletivos e castigos impiedosos ... 93
XXIX — Dois pêsos e duas medidas 99
XXX — A displicência absoluta do P.M.P. 101
XXXI — O P.M.P. e o imediatismo 102
XXXII — Motivação nula 106
XXXIII — Fumar em aula 111
XXXIV — O P.M.P. e o ensino superior 116
XXXV — A obra perniciosa do P.M.P. 121
Índice de autores 123

Liv. Doação
N.E.
Data: 070700
Preço: R$ 13,00
Tombamento: 6081

Composto e impresso nas oficinas da CASA EDITÔRA VECCHI LTDA.
Rua do Resende, 144 — Rio de Janeiro, GB.